



Teologia Brasileira

Nº 97 | 2023 ISSN 2238-0388

A contribuição de Asbury para o debate teológico-eclesiástico sobre avivamentos <i>Alex Esteves</i>	5
O vaso do oleiro: a cerâmica como auxílio à exegese <i>Francisco Acácio</i>	27
O prólogo joanino e o Logos cristão <i>Elias Gomes</i>	37
Ética cristã: os valores cristãos e a cidadania <i>Manoel Pedro</i>	45
Lançamentos	63

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Me. Franklin Ferreira e Dr. Jonas Madureira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Revisão:
Eliel Vieira

Contato:
[teogiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, Alex Esteves analisa a contribuição de Asbury para o debate teológico-eclesiástico sobre avivamentos.

Francisco Acácio, em um excelente artigo acadêmico da década de 90, escreve sobre as cerâmicas e suas conexões sobre o mundo bíblico.

Elias Gomes, por sua vez, aborda de modo introdutório alguns aspectos da doutrina do Logos cristão, mais precisamente a partir do prólogo de João.

Por fim, Manoel Pedro descreve alguns movimentos do século 20 que foram importantes na reflexão dos valores éticos para o homem e a sociedade.

No vídeo desta edição apresentado durante o 11º Congresso de Teologia Vida Nova, Craig Keener explora a relação entre o Espírito e a vida do intelecto e reflete sobre a teologia de Paulo sobre o assunto.

Boa leitura!



Assista ao vídeo!

A contribuição de Asbury para o debate teológico-eclesiástico sobre avivamentos

Alex Esteves



Introdução

No início deste ano de 2023 ouviu-se falar de um possível caso de avivamento ocorrido na capela da Asbury University, no Estado americano do Kentucky, mais precisamente na cidade de Wilmore. O local exato da concentração foi o Hughes Auditorium, com capacidade para 1.500 pessoas. Do outro lado da rua situa-se o Asbury Theological Seminary.¹

A Universidade em questão possui cultos regulares, aos quais os alunos precisam estar presentes com certa frequência. Entretanto, na reunião do dia 8 de fevereiro, iniciado por volta das 10h, verificou-se fenômeno incomum: depois da bênção, cerca de 30 pessoas permaneceram na capela enquanto o grupo de louvor entoava um refrão, e decidiram continuar cultuando a Deus.² Muitas pessoas

¹Veja esta citação em <https://www.christianitytoday.com/ct/2023/february-web-only/asbury-avivamento-universidade-metodista-espirito-santo-pt.html>.

²Idem.

vieram de outras localidades, e a duração do evento estendeu-se por mais de duas semanas, encerrando-se no dia 24 do mesmo mês.³

Dante das características notáveis dos eventos verificados em Asbury, que certamente ainda serão debatidos em estudos acadêmicos mais densos, o objetivo deste artigo é propor uma reflexão preambular, à luz das Escrituras e de precedentes históricos, com vistas a uma ponderação sobre como a Igreja brasileira vem abordando o tema do despertamento espiritual.

1. Considerações preliminares

Antes de adentrar especificamente ao exame do evento de Asbury, cabe tecer alguns apontamentos de cunho metodológico, dada a amplitude de possibilidades de estudo.

O tópico dos avivamentos pode ser explorado por diferentes instâncias da teologia. Senão vejamos:

A teologia exegética contribui naturalmente com a interpretação de textos bíblicos empregados no estudo de avivamentos, auxiliando no exame da terminologia correlata, utilizada pela Igreja, e na análise literária, histórica, cultural e teológica das passagens bíblicas pertinentes. Ademais, é dali que vêm ferramentas capazes de tornar o intérprete mais preparado para a tarefa de reconhecer o verdadeiro ministério do Espírito Santo, que, tendo atuado na Criação, opera na sustentação de todas as coisas, no convencimento do pecador, na qualificação carismática da Igreja e em sua preparação para o encontro com Cristo.

A teologia bíblica apresenta conceitos acerca do papel do Espírito Santo no curso da história da redenção, podendo relacioná-lo com os pilares nos quais se estrutura a revelação progressiva, conforme os esquemas expositivos e concepções atinentes a essa dimensão da teologia (*alianças* e *reino de Deus*, por exemplo). Assim, os estudos produzidos pelos especialistas em Bíblia poderão servir para um desenho de como operações gloriosas e poderosas do Espírito Santo estão envolvidas com o anúncio, o advento e o retorno do Messias para buscar a Igreja.

³https://pt.wikipedia.org/wiki/Avivamento_de_Asbury#cite_note-39, consultado em 14 de março de 2023.

A teologia histórica pode trazer informações sobre como a Igreja, ao longo dos séculos, no âmbito de concílios e na obra de mestres de relevo, avaliou fenômenos tidos por sobrenaturais ocorridos no seio de comunidades ou nações.

A teologia sistemática (a) auxilia no entendimento da linguagem descritiva de avivamentos, frequentemente alusiva a atributos de Deus e Suas maneiras de intervenção no mundo (teontologia); (b) oferece lições sobre aspectos como a ação poderosa do Espírito Santo, dons espirituais, fruto do Espírito e reações físico-emocionais ao poder de Deus, contribuindo para a distinção entre evidências genuínas e comportamentos carnais ou psicologicamente induzidos (pneumatologia); (c) permite a realização de fundamentados estudos sobre grupos cristãos e respectivas formas organizacionais decorrentes de períodos de despertamento espiritual (eclesiologia); (d) fornece informações referentes à condição do Homem, o qual, como criatura forjada à imagem de Deus, precisa ter suas emoções, intelecto e vontade considerados em sua interação com o poder sobrenatural (antropologia cristã); (e) fornece meios para se aferir a propalada conexão entre episódios de avivamento e sinais da Segunda Vinda de Cristo (escatologia).

A teologia prática tem a prerrogativa de (a) veicular orientações úteis à avaliação de pregações proferidas em tempos de avivamento (homilética); (b) versar sobre oração, leitura bíblica, piedade pessoal e busca por santidade em contextos típicos de avivamento (vida cristã); (c) estudar as contribuições de avivamentos históricos no nascimento ou incremento de empreendimentos missionários (evangelismo e missiologia); (d) refletir sobre a função das efusões do Espírito no convencimento dos opositores do Evangelho, como no caso da ocorrência de sinais e prodígios, e registrar *insights* em torno dos reflexos do derramamento do Espírito na cosmovisão cristã (apologética); (e) perscrutar os frutos de histórias de avivamento no desempenho do serviço cristão e dos ministérios episcopal e diaconal (hiperetologia e poimênica); (f) discutir práticas vedadas ao membro de igreja e ao ministro que fabrica adulterações nominadas como “avivamentos” (ética cristã); (g) observar e avaliar fenômenos psíquicos recorrentes em avivamentos (aconselhamento cristão, disciplina também chamada de “psicologia cristã”).

Afora as peças inerentes ao edifício da teologia propriamente dita, ramos auxiliares podem contribuir com informações, descrições, hipóteses ou propostas,

a exemplo da história da Igreja, da filosofia e das ciências sociais, importando ressaltar a indispensabilidade de que na pesquisa estejam presentes pressupostos válidos de interpretação das Escrituras, a fim de que não haja contaminação das percepções decorrentes — por pressupostos válidos o Cristianismo histórico e ortodoxo reconhece as premissas de que a Bíblia Sagrada é a revelação escrita de Deus, divinamente inspirada, autoritativa, suficiente, inerrante, infalível, compreensível, verdadeira, absoluta, eterna e apta para salvar.

Conquanto nem todos os itens a seguir constituam o escopo deste trabalho, cabe citar alguns dos vários subtemas relacionados ao tópico dos avivamentos: (a) conceito bíblico-teológico; (b) terminologia empregada em depoimentos dados por testemunhas presenciais; (c) igrejas originadas; (d) influência na formação de concepções teológicas; (e) necessidade ou não de evidências físicas, como glossolalia ou outras manifestações carismáticas; (f) relação com o conceito de reforma espiritual ou religiosa; (g) relação com os “movimentos de restauração”; (h) relação com o possível pêndulo histórico entre *estabilidade* e *autenticidade*;⁴ (i) análise dos preconceitos, riscos e problemas constatados, como comportamentos incomuns; (j) alternância ou conflito entre *carisma* e *ofício*; (k) reações físico-emocionais exibidas em situações não caracterizadas por avivamento, a exemplo dos gestos “pseudopentecostais” que alguns classificam pela possível onomatopeia do “reteté”.

Neste artigo, escrito por autor filiado a confissão pentecostal histórica, adotam-se crenças conservadoras, associadas ao Cristianismo Protestante e Evangélico, e, assim, herdeiras dos Credos oriundos dos grandes Concílios Eclesiásticos da Era Patrística, assim como da renovação propiciada pela Reforma do Séc. XVI.

Partindo, pois, dessa arena de convergência, e tendo em vista a configuração eclesiástica brasileira, far-se-á uma abordagem do caso de Asbury com foco nas lições que podem ser apreendidas pelas igrejas evangélicas em solo brasileiro, notamment as históricas e as pentecostais históricas.

⁴Justo L. González, em sua obra *Uma história ilustrada do cristianismo*, no V. III (p. 37), aponta como, entre os séculos 5 e 8, o monasticismo e o papado foram protagonistas de um processo histórico que permitiu a preservação da cultura antiga e a conversão dos bárbaros. Esta referência será importante para considerações ulteriores neste artigo, porque associadas à tensão entre estabilidade e autenticidade.

2. O que aconteceu em Asbury

Antes de se avaliar o tópico do avivamento de modo geral, é necessário perscrutar os elementos fáticos oferecidos pelo caso de Asbury, ponto de partida para os lineamentos aqui pretendidos.

Nessa esteira, afigura-se como de grande valia o testemunho ocular de Thomas H. McCall, professor de teologia que, sendo vinculado ao Asbury Theological Seminary, precisava somente atravessar a rua para visitar o Hughes Auditorium, e, assim, presenciar, em diferentes oportunidades, as cenas que registraria em seu artigo no site Christianity Today, cujo título, na versão disponível em português, é *o professor da Asbury diz: “Estamos testemunhando uma obra surpreendente de Deus”*. Na linha fina, está escrito: *Por que estou esperançoso sobre o avivamento em nossa capela e suas implicações*.

Confira-se, pois, alguns excertos do texto do Professor McCall:

Esta última quarta-feira, porém, foi diferente. Após a bênção, o coro gospel começou a cantar um refrão final — e, então, **começou a acontecer algo que desafia qualquer descrição simples**. Os alunos não saíram da capela. Foram impactados pelo que parecia ser **um senso de transcendência silencioso, mas poderoso, e não queriam ir embora**. Eles ficaram e continuaram a adorar. E ainda estão por lá.

[...]

Quando cheguei, vi **centenas de alunos cantando baixinho**. Eles estavam **louvando e orando fervorosamente** por si mesmos, por seus próximos e por nosso mundo — expressando **arrependimento e contrição por pecados e intercedendo por cura, integridade, paz e justiça**.

Alguns estavam **lendo e recitando as Escrituras**. Outros estavam **de pé com os braços levantados**. Vários estavam **reunidos em pequenos grupos, orando juntos**. Alguns estavam **ajoelhados junto à grade do altar**, na frente do auditório. Alguns estavam **prostrados**, enquanto outros conversavam entre si, com **semblantes resplandecentes de alegria**.

Eles ainda estavam **adorando**, quando saí no final da tarde, e quando voltei à noite. Eles ainda estavam **adorando**, quando cheguei na manhã de quinta-feira — e,

no meio da manhã, **centenas de estudantes estavam lotando o auditório novamente**. Tenho visto **vários alunos correndo em direção à capela todos os dias**.

Na noite de quinta-feira, **havia espaço apenas para ficar em pé**. Começaram a chegar estudantes de outras universidades: Universidade do Kentucky, Universidade de Cumberlands, Universidade Purdue, Universidade Wesleyana de Indiana, Universidade Cristã de Ohio, Universidade da Transilvânia, Universidade Midway, Universidade Lee, Georgetown College, Universidade Mt. Vernon Nazarene e muitas outras.

A adoração continuou durante o dia todo na sexta-feira e, de fato, durante a noite inteira. No sábado de manhã, **tive dificuldade para encontrar um lugar para sentar**; à noite, **o templo estava lotado** para além de sua capacidade. Todos os fins de tarde, alguns alunos e outras pessoas permaneciam na capela **para orar durante a noite**.

[...]

Muitas pessoas dizem que lá, na capela, elas **mal percebem quanto tempo se passou**. É quase como se o tempo e a eternidade se fundissem, quando céu e terra se encontram. Qualquer um que tenha testemunhado o que está acontecendo pode concordar que é **algo incomum e totalmente fora do script**.

Como teólogo analítico, estou cansado de exageros e sou muito cauteloso com manipulações. Venho de uma formação (em um segmento particularmente avivalista da tradição metodista *holiness*) onde vi esforços para fabricar “avivamentos” e “movimentos do Espírito” que às vezes eram não somente ocos, mas também prejudiciais. E não quero ter nada a ver com isso.

Mas, verdade seja dita, **o que está acontecendo em Asbury não é nada parecido com isso. Não há pressão nem engodo. Não há manipulação. Não há fervor emocional exacerbado**.

Pelo contrário, tem sido sobretudo calmo e sereno. A mescla de esperança, alegria e paz é indescritivelmente forte e, de fato, quase palpável — um senso vívido e incrivelmente poderoso de *shalom*. O ministrar do Espírito Santo é inegavelmente poderoso, mas também muito gentil.

O santo amor do Deus triúno é **aparente**, e há nele **uma doçura inexprimível e uma atração inata**. Fica imediatamente evidente por que ninguém quer sair de lá e por que aqueles que precisam sair querem voltar o mais rápido possível.

[...]

E qualquer um que tenha passado algum tempo no Hughes Auditorium nos últimos dias pode testificar que **esse Consolador prometido está presente e é poderoso**. Não consigo analisar — nem sequer descrever adequadamente — tudo o que está acontecendo, mas não tenho dúvidas de que Deus está presente e ativo ali.

Vários alunos e ex-alunos que se formaram recentemente me dizem que, há vários anos, **eles têm orado juntos por um mover de Deus**, e que estão emocionados, sem palavras em ver o que está acontecendo.

[...]

E o que estamos vivendo agora — esse **senso inexprimivelmente profundo de paz, integridade, santidade, pertencimento e amor** — é apenas o menor dos vislumbres da vida para a qual fomos feitos.

Claramente, esta não é uma visão beatífica de Cristo em toda a sua glória — mas, se o que estamos vendo for sequer a mais frágil sombra dessa realidade, **então, o que temos diante de nós é uma indescritível alegria e um santo amor** [destaques acrescidos].

A descrição registrada por aquele professor de teologia é de especial importância acadêmica, não apenas por decorrer de observação *in loco*, mas também por reunir três componentes, a saber: conhecimento teológico, abordagem não sensacionalista e identificação com a tradição metodista *holiness*, à qual se filia a instituição onde se deram os fatos.

Tanto a habilitação teológica do autor do referido artigo como sua visão não emocionalista contribuem para que se possa reconhecer especial credibilidade ao testemunho e qualificação para interpretá-lo.

Poder-se-ia objetar com a afirmação de que a linguagem adotada emula a forma como avivamentos foram descritos na história da Igreja, com enfoque nos

eventos associados a ramificações do movimento wesleyano, e que, assim, o testemunho consistiria num retrato emocionalmente referenciado, e, portanto, não qualificado para a reflexão teológica.

Entretanto, será preciso considerar os dados objetivos da longa duração do culto, da elevada quantidade de participantes, da ausência de organização prévia e da consonância entre vários depoimentos. É possível, ainda, supor que o testemunho do Professor Thomas McCall tenha sido econômico, moderado ou “conservador”, haja vista a sua ênfase em afirmar uma perspectiva mais sóbria de teólogo analítico.

Por se tratar de acontecimento presenciado por centenas de pessoas em vários dias, com divulgação em tempo real, não será difícil obter testemunhos que confirmem o que foi descrito no artigo acima referido. Para ilustrar esse ponto, recorrer-se-á a texto redigido pelo pastor e teólogo batista Franklin Ferreira:⁵

Um quadro branco diante das portas da frente da capela revela **o impacto do que já supera as 120 horas de pregação, cânticos, testemunhos e confissão de pecado**: ele estava repleto de **manifestações de louvor e pedidos de oração**, evidenciando como **Deus está operando** durante esse período na universidade. Num deles está escrito: “orem por minha família na Ucrânia”. Outros escreveram pedindo por “salvação para nossa nação”, “avivamento em Kodak, Tennessee”, “avivamento na Universidade de Betel”, “restauração do casamento e pelos futuros gêmeos”, por um “adolescente sofrendo com vício”, “pela salvação de papai” etc. **O capelão do câmpus, Greg Haselof, disse que os eventos em Asbury fornecem “uma bela experiência de buscar a Deus — é um solo sagrado. Continuará a ser um local de adoração e oração”.**

O presidente da Universidade Asbury, Kevin Brown, disse na segunda-feira, 13 de janeiro (quando as reuniões na capela já duravam mais de 120 horas), que ‘**este tem sido um momento extraordinário para nós**’. Alexandra Presta, editora do The Asbury Collegian, o jornal estudantil da escola, que tem feito a crônica dos cultos na universidade, escreveu: “**Estamos aqui no Auditório Hughes há mais de 100 horas — orando, chorando, adorando e nos unindo**

⁵<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/avivamento-universidade-asbury/>. Consultado em 17 de março de 2023.

— pelo Amor”. E concluiu: “**Posso proclamar esse Amor com ousadia porque Deus é Amor**”. Howard Snyder, professor aposentado de História e Teologia da Missão no Seminário Teológico Asbury, **disse que os avivamentos podem trazer esperança em tempos difíceis**: “Avivamentos autênticos devolvem a igreja ao que deveria ser”, disse ele — “o povo de Deus seguindo Jesus fielmente” [destaques acrescidos].

Os termos empregados nos depoimentos referidos jamais seriam corroborados por céticos, haja vista o fato reconhecido de que virtudes, atitudes ou sentimentos de “paz”, “amor”, “integridade”, “pertencimento”, “senso de transcendência”, “arrependimento” e “alegria” não seriam compartilhados por pessoas incrédulas, indispostas quanto à operação sobrenatural de Deus. Bem por isso, se é verdade que a pessoa incrédula não reconhece valor no testemunho do crente, por causa do pressuposto da fé, é natural que o crente não reconheça a avaliação do incrédulo, eivada pelo vício original da falta de fé.

Considerando que a Fé Cristã se baseia em “muitas e infalíveis provas” (cf. At 1.3; cf. também 1 Co 15.1-8), e que a aceitação efetiva das “coisas espirituais” se confere exclusivamente ao “homem espiritual” (cf. 1 Co 2.6-16), por ser “filho de Deus” (cf. Rm 8.16), então os elementos probatórios devem ser coligidos em conformidade com o padrão das Escrituras e os antecedentes registrados na história, tudo sob a iluminação oferecida pelo testemunho interno do Espírito de Deus (cf. Ef 1.18).

3. Precedentes históricos

Aspecto digno de registro quanto a Asbury é a alusão a episódios pretéritos reputados como avivamentos, sendo citados eventos de 1905, 1908, 1921, 1950, 1958, 1970, 1992 e 2006 — quanto a 2006, teria havido “um culto de estudantes na capela [que] levou a quatro dias de adoração contínua, oração e louvor”.⁶

Confiram-se novamente informações trazidas no artigo do Professor Franklin Ferreira:⁷

⁶<https://www.christianitytoday.com/ct/2023/february-web-only/asbury-avivamento-universidade-metodista-espirito-santo-pt.html>. Consultado em 14 de março de 2023.

⁷Texto citado anteriormente.

Em fevereiro de 1905, uma reunião de oração no dormitório masculino se espalhou pelo resto da universidade e pela cidade. Em fevereiro de 1908, o avivamento ocorreu enquanto alguém orava na capela; o avivamento durou duas semanas. Em fevereiro de 1921, um reavivamento redundou em três dias de cultos. Em fevereiro de 1950 o testemunho de um aluno levou a confissões de pecados e mais testemunhos. Isso continuou ininterruptamente por 118 horas. Estima-se que 50 mil pessoas renovaram sua fé no Senhor Jesus como resultado desse avivamento. Em março de 1958, o avivamento começou em uma reunião de oração e jejum dos alunos na capela e durou 63 horas.

Em 3 de fevereiro de 1970, o reitor Custer B. Reynolds, que iria falar na capela, foi movido a convidar pessoas a dar um testemunho pessoal. Muitos na universidade estavam orando por avivamento. Logo, um grande grupo esperava na fila para dar testemunho. A capela estava cheia de gente alegre. As aulas foram canceladas por uma semana durante as 144 horas de culto ininterrupto e, mesmo depois que as aulas recomeçaram, em 10 de fevereiro, o Auditório Hughes esteve aberto para oração e testemunho. Cerca de 2 mil equipes de evangelistas saíram dali para igrejas e pelo menos 130 câmpus universitários em todos os Estados Unidos. Em março de 1992, a confissão de pecados de um aluno durante um culto na capela se transformou em 127 horas consecutivas de oração e louvor. Em fevereiro de 2006, um culto na capela dirigido por estudantes redundou em quatro dias de oração e louvor contínuos [destaques acrescidos].

Como já assinalado, a linguagem utilizada para descrever o evento de Asbury lembra o modo como eram retratados avivamentos históricos, e guarda relação com a tradição *holiness*-metodista, da qual nasceu a instituição onde os fenômenos se desenrolaram.

Nesse sentido, é absolutamente imperativo que se busquem informações acerca do que aconteceu antes para que se possa compreender o que ocorreu naqueles dias.

Aqui cabe lembrar que os Estados Unidos conheciam avivamentos de elevada importância histórica, como o Primeiro Grande Despertamento, no século 18, o Segundo Grande Despertamento, no século 19, e o Movimento Pentecostal, no século 20, que deu origem a igrejas como a Assembleia de Deus.

Muitos daqueles que ouviram relatos sobre o avivamento objeto deste artigo seguramente se recordaram de Francis Asbury (1745-1816), um importantíssimo metodista próximo a John Wesley (1703-1791): estava ele entre os personagens mais destacados do Primeiro Grande Avivamento, além de Jonathan Edwards (1703-1758), John Wesley (1703-1791) e George Whitefield (1714-1770).

O metodismo e o movimento *holiness*, a que Asbury se filia, são herdeiros da atuação do já referido John Wesley, assim como, de algum modo, o Pentecostalismo.

Observe-se que William Joseph Seymour (1870-1922), principal referência do avivamento na Rua Azusa (1906), era um pastor metodista; o primeiro nome da Assembleia de Deus brasileira foi “Missão da Fé Apostólica”, aludindo ao trabalho liderado por Seymour (*Apostolic Faith Mission*); e a consolidação histórica da doutrina pentecostal passa pelos desenvolvimentos havidos no seio do gradiente *holiness*-metodista.

Em lugar de simples coincidência, trata-se de uma conexão histórica evidente e necessária, constituindo um fio que conduz a reflexões teológicas de grande valor sobre a ocorrência de efusões do Espírito na história da Igreja.

Veja-se o sumário deduzido por R. N. Champlin:⁸

Nos Estados Unidos da América do Norte, os historiadores eclesiásticos têm assinalado cinco “grandes colheitas”, a começar nos primórdios do século 18, e daí até dentro do século 20. Pode-se dizer que, a grosso modo, cada geração produz um grande evangelista que é a força principal por trás de tais movimentos. Por ordem cronológica, temos Salomão Stoddard (um pregador da Igreja Holandesa Reformada); George Whitefield; Jonathan Edwards (que foi neto de Stoddard). O segundo grande despertar ocorreu por Lyman Beecher e Nataniel W. Taylor, além de Charles Grandison Finney (falecido em 1875). Entremes, através da influência de tais homens, várias denominações, como os congregacionais, os metodistas, os presbiterianos e os batistas estiveram intensamente envolvidas em reavivamentos locais, ao ponto de o fenômeno ter se tornado uma característica comum e muito enfatizada da vida eclesiástica. No século 19, literalmente centenas de revivalistas, procurando a salvação dos perdidos, e promovendo uma nova expressão espiritual entre os convertidos, moviam-se por toda a extensão

⁸Champlin, p. 570.

do território norte-americano. Nos finais do século 19 apareceu o espetacular Dwight L. Moody; e, na segunda metade do século 20, apareceu William (Billy) F. Graham, o mais poderoso evangelista e revivalista do século 20.

O historiador Bruce L. Shelley opera uma interessante correlação entre a formação política dos Estados Unidos (“uma nova ordem dos séculos”, segundo os Pais Fundadores) e o “Grande Despertar” (o já citado “Primeiro Grande Despertamento”). Vale citar alguns trechos da obra de Shelley:⁹

Nenhum acontecimento marcou a nova ordem com mais clareza para o cristianismo do que a explosão religiosa que chamamos de Grande Despertar, o primeiro na longa história dos avivamentos americanos;

[...]

O Grande Despertar revelou-se crucial nessa nova ordem, uma vez que convenceu multidões de cristãos de que o voluntariado poderia funcionar e, após as primeiras ondas de êxtase do Espírito, muitos cristãos consideraram os avivamentos um dom de Deus para a criação de uma América cristã. Jonathan Edwards até pregou que a América seria o cenário do milênio vindouro!

Ampliando o raio geográfico, histórico e confessional, faltaria espaço para aludir a todos os avivamentos que marcaram a Igreja.

Franklin Ferreira¹⁰ oferece uma síntese merecedora de registro, além de uma avaliação não menos considerável:

O fato é que a tradição cristã, desde os primórdios, tem experimentado “tempos de refrigério [...] da presença do Senhor” (At 3.20). Na Idade Média podem ser citados o espantoso crescimento da ordem cisterciense na França, Alemanha, Inglaterra, Gales, Escócia, Irlanda, Espanha, Portugal e Itália, no século 12, e a impressionante influência dos Irmãos da Vida Comum na Holanda, Suíça, França e Alemanha, no século 15. A Reforma Protestante no século 16, o movimento puritano na Inglaterra, Escócia, Holanda e nas colônias americanas

⁹Shelley, p. 370-1.

¹⁰Idem.

nas no século 17, o “Primeiro Grande Despertamento” nos Estados Unidos e o “Avivamento Evangélico” na Inglaterra no século 18, o ‘Segundo Grande Despertamento’ nos Estados Unidos e Grã-Bretanha no século 19 são exemplos de avivamentos experimentados pela Igreja cristã.

[...]

Esses relatos [sobre as experiências do presbiteriano John Livingstone, na Escócia do século 17; do luterano Erlö Stegen, na África do Sul do século 20; e do batista John Hammett nos Estados Unidos, também no século 20] **ilustram o que é avivamento, a forma de Deus tratar seu povo de maneira familiar**. Numa comunidade cristã em que a fé tenha sido avivada, homens e mulheres que creem em Jesus Cristo **não apenas têm certeza de que Deus está presente, mas experimentam a presença poderosa dele por meio do Espírito Santo**. Os exemplos históricos poderiam ser multiplicados, mas o mais importante é ressaltar que, **durante um avivamento, Deus trata seu povo com familiaridade**. Não se trata de uma certeza intelectual de que Deus está presente, uma vez que ele é onipresente, mas da **segurança comprovada, que vem do Espírito de Deus, de que ele está entre seu povo, visitando-o com graça e poder** [destaques acrescidos].

Na gama de eventos classificados como despertamentos em toda a trajetória da Igreja no mundo, alguns fenômenos recorrentes são relatados, como os que seguem (a) acentuado desejo de orar, louvar a Deus, exercitar a comunhão fraternal e participar das atividades da Igreja; (b) forte interesse por evangelismo e missões; (c) percepção clara, intensa e extraordinária dos atributos divinos (amor, justiça, poder, transcendência, santidade etc.); (d) distribuição de dons espirituais (profecia, glossolalia, interpretação de línguas, dons de curar, operação de maravilhas); (e) reações físicas e emocionais fora do comum; (f) espontaneidade, entusiasmo e serviço; (f) atuação destacada de personagens usados por Deus.

4. Conceito bíblico-teológico de avivamento

É necessariamente nas Escrituras Sagradas que se deve buscar o conceito fundamental de avivamento.

O substantivo “avivamento”, largamente empregado como sinônimo de “despertamento”, “despertar”, “efusão”, “renovação”, “derramamento”, “reavivamento” ou “revivalismo”, está relacionado a recebimento de nova vida, vivificação, restauração, revigoramento.

Informações lexicais são fornecidas pelo Dicionário Bíblico Wycliffe:¹¹

As duas palavras principais são o termo heb. *haya*, “viver, recobrar, vir à vida” (*Qal*, caule); “conservar vivo, vivificar, reavivar” (*Piel*); “fazer viver, voltar à vida, reavivar” (*Hiph'il*),¹² e o termo gr. *anazao*, “estar vivo novamente, vir à vida novamente, saltar para a vida, reavivar”.

Por não olvidar que o significado de um vocábulo depende sempre do seu contexto histórico e literário, é necessário verificar como, onde, por que motivo e para que finalidade os autores bíblicos mencionam alguma palavra relativa à vivificação.

Prestigiando esse princípio hermenêutico essencial, deve-se explorar a variegada soma de empregos de termos similares para que se possa compreender o sentido teológico que a história eclesiástica reconheceu ao conceito de avivamento.

Com essa questão em mente, confiram-se os dados oferecidos pelo Dicionário Bíblico Wycliffe¹³ sobre como um termo traduzido por “reavivar”, *a depender do contexto*, pode estar relacionado a ressurreição e restauração espiritual e política, entre outros:

Na versão KJV em inglês, o termo ‘reavivar’ às vezes significa literalmente voltar da morte para a vida física, como no caso do filho da viúva (1Rs 17.22), do homem lançado no túmulo em que Eliseu estava sepultado (2Rs 13.21), e do Senhor Jesus Cristo (Rm 14.9). A palavra pode descrever a recuperação de

¹¹Pfeiffer *et al*, p. 1.650.

¹²Para os fins deste artigo, basta informar que *Qal*, *Piel* e *Hiph'il* são tempos dos verbos hebraicos na voz ativa, correspondendo, respectivamente, a aspectos de ação simples, de ação intensiva e de ação causativa (por exemplo, “governar”, “governar mesmo” e “fazer governar”). Mas esta é apenas uma nota singela. Explicações robustas e esclarecedoras podem ser encontradas na Gramática Instrumental do Hebraico Bíblico, de Antônio Renato Gusso, devidamente citada na seção própria.

¹³Pfeiffer *et al*, p. 1.650-1.

alguém que está saindo da tristeza e do desânimo (como Jacó, Gênesis 45.27), ou da fraqueza física (como Sansão, Juízes 15.19). Em Romanos 7.9, ela fala de como o pecado reviveu em Paulo, quando o mandamento a respeito da cobiça o condenou.

Esdras agradeceu a Deus por conceder aos judeus ‘um pouco de vida’, uma restauração espiritual e política de sua escravidão e exílio na Babilônia (Ed 9.8, 9). Isso ocorreu em resposta às orações por um reavivamento nacional como nos Salmos 80.18 e 85.6, e na profecia de Oséias de que Deus iria reavivar seu povo quando o buscassem sinceramente e se voltassem a ele (Os 5.15-6.2; cf. 14.7). Na visão que Ezequiel teve dos ossos secos, a ressurreição nacional — isto é, o renascimento de Israel política e espiritualmente — é retratada pela reconstrução dos esqueletos humanos e então pelo sopro do Espírito neles para que “vivessem” (Ez 37.5, 9, 14; heb. *haya*). Habacuque roga que o Senhor reaviva sua obra de redenção nos próprios dias do profeta, assim como Deus havia demonstrado, muito tempo atrás, ao julgar o Egito e libertar Israel (Hc 3.2; cf. Sl 44.1-8; 77.12-15).

Em razão da pertinência das informações bíblicas constantes do Dicionário Bíblico Wycliffe,¹⁴ seguem outros comentários nele contidos:

(1) Quanto ao uso do termo “vivificar” ou “reavivar”, entre outros, para designação de “reavivamento pessoal”:

As passagens que falam do reavivamento pessoal incluem aquelas que usam o termo “vivificar” na versão KJV em inglês frequentemente traduzido como “reavivar” em versões mais recentes. Davi suplica que o Senhor o reavive e tire sua alma da tribulação (Sl 143.1, e em um outro salmo ele expressa sua confiança de que Deus o reavivará (ou, o manterá vivo) e o salvará de seus inimigos (138.7). No Salmos 119, o salmista repetidamente pede ao Senhor para “vivificá-lo” ou “reavivá-lo”, de acordo com sua Palavra (v. 25, 107, 154; cf. v. 50, 93), em seus caminhos (v. 37), através de sua justiça (v. 40), de acordo com sua bondade (v. 88, 159), e de acordo com os seus juízos ou ordenanças (v. 149, 156). O Deus exaltado, eterno, santo e transcendente é aquele que se deleita em habitar com

¹⁴Idem, p. 1.650-1.

o homem quebrantado e humilhado de espírito, a fim de ‘vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos’ (Is 57.15). O choro do pai com relação ao seu filho pródigo é o epítome do reavivamento: ‘porque este meu filho estava morto e reviveu (*gr. anazesen*, Lc 15.24). Paulo exorta Timóteo a ‘reavivar’ ou ‘despertar’ o dom que Deus lhe havia dado (2Tm 1.6). Mas no Salmos 71.20, o crente de idade avançada parece além da mera esperança de um reavivamento quando expressa sua confiança de que Deus o restaurará: ‘Me darás ainda vida e me tirarás dos abismos da terra’; aqui a ressurreição da sepultura está em foco”.

(2) Quanto a avivamentos na Bíblia:

Além dos tempos periódicos de arrependimento na era dos juízes, pelo menos oito reavivamentos de larga escala são descritos no AT: o reavivamento no monte Sinai (Êx 32—34), o reavivamento em Mispa sob a liderança de Samuel (1Sm 7), o reavivamento no monte Carmelo (1Rs 18), o reavivamento em Judá durante o reinado de Asa (2Cr 15), o reavivamento em Nínive (Jn 3), o reavivamento liderado por Ezequias (2Cr 29—31), o reavivamento sob a liderança do rei Josias (2Cr 34—35) e o reavivamento **pós-cativeiro** (Ed 9—10; Ne 8—10). O NT registra como os primeiros cristãos em Jerusalém foram reavivados quando oraram pedindo ousadia, e todos foram cheios do Espírito Santo para testemunharem a respeito [da] ressurreição do Senhor Jesus (At 4.29-33). O pecado de Ananias e Safira foi soberanamente julgado, e nenhum dos incrédulos ousou associar-se aos cristãos, enquanto multidões estavam sendo salvas e curadas (5.1-16).

Além destes reavivamentos, grandes líderes espirituais destacaram-se, quer tivessem sido instrumentos humanos ou produtos dos próprios reavivamentos.

(3) Quanto à atuação divina em avivamentos:

Os autênticos reavivamentos, de acordo com os padrões bíblicos, são uma obra soberana de Deus. Há sempre um elemento divino ou miraculoso neles (Êx 34.29-35; 1Sm 7.10; 1Rs 18.38; Jn 2.10; 2Cr 14.11, 12; 30.20; 34.14; Ne 8.10, 17; At 4.31; 5.5, 10). “Nenhum ser humano pode despertar o interesse, vivificar a consciência de um povo ou gerar aquela intensidade de fome espiritual a um reavivamento” (F. Carlton Booth, “Revival”, BDT, p. 460). Contudo, os grandes

reavivamentos nunca são enviados de forma separada da oração, da intercessão e da confissão do pecado (*Êx* 32.30-32; *1Sm* 7.5-9; *1Rs* 18.36,37; *Jn* 3.5-9; *2Cr* 34.26, 27; *Ed* 9.5-10.1; *Ne* 9.2,3). A palavra profética (*2Cr* 15.1-8) ou a palavra escrita (*2Cr* 34.18-21; *Ne* 8) são elementos vitais dos reavivamentos.

(4) Quanto ao importante tema dos efeitos dos avivamentos:

O reavivamento enviado por Deus produz uma revolução espiritual e um fervor emocional. Grande temor (*At* 5.11), pranto (*Jl* 2.12; *Ed* 10.1; *Ne* 8.9), ou alegria (*2Cr* 30.21-26; *Ne* 8.17) são, geralmente, juntamente com o canto (*2Cr* 29.30), os resultados de um reavivamento. Acima de tudo, há um retorno ao próprio Senhor, à justiça moral e a uma vida piedosa. O texto em *2Crônicas* 7.14 permanece como a maior promessa de reavivamento da Palavra de Deus: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei sua terra”.

Tecnicamente, avivamentos são episódios de visitação poderosa de Deus sobre uma comunidade, uma região, um país.

Pode-se falar de uma “igreja avivada” em termos de busca perseverante das virtudes cristãs, mas, por definição, *avivamentos são fatos pontuais, situados, datados, específicos*. De modo geral, sente-se que algo sobrenatural está a ocorrer, por iniciativa do Espírito Santo, desdobrando-se em atitudes morais, reações físico-emocionais e fenômenos espirituais que tipificam o evento como especial.

Seja pela grave degeneração moral e espiritual, seja pela simples precariedade humana, fato é que o transcurso do tempo demonstra a carência de maior intensidade, sinceridade e zelo para com o Senhor. É verdadeiro pensar que o âmago das exortações cristãs consiste em procurar “vida com Deus”, sendo esta justamente a chamada “vida cristã”, gerada pelo Espírito e renovada por Ele mesmo (cf. *Jo* 1.4; 3.1-21; 4.10-14; *Rm* 6.1-11; 8.1-17; *Ef* 2.1-10; *Cf* 3.1-7; *Tt* 3.4, 5; *1Pe* 1.3; *1Jo* 3.9).

5. A urgência do avivamento

O tema dos avivamentos oferece eventualmente um paradoxo que se sustenta, de um lado, na consciência da necessidade de uma vida mais agradável a Deus, e, de

outro lado, no receio do que pode acontecer, principalmente se a pessoa houver conhecido exemplos negativos imputados a experiências de avivamento.

Se se quer efetivamente saber o que tem feito a mão de Deus, será necessário parar, escutar, ouvir, abrir o coração. Especificamente quanto a Asbury, até o momento são positivas e alvissareiras as notícias recebidas.

Para quem está confuso ou, pelo menos, desejoso de maior segurança quanto ao que ocorreu em Asbury, sugere-se pensar nas balizas oferecidas por John White¹⁵ (1924-2002) no livro *Quando o Espírito vem com poder*.

Segundo White, é preciso avaliar os “frutos” e o “pomar”: os “frutos” consistem nos efeitos do movimento (transformação pessoal, interesse pela leitura da Bíblia, paixão pelas almas, disposição para evangelizar, ânimo para o serviço eclesiástico etc.); já o “pomar” é o cenário em que os frutos são produzidos (o tipo de pregação, os louvores, o ambiente do culto, a condução por parte do líder...).

É de inestimável grandeza consultar o otimismo fundamentado de D. Martin Lloyd-Jones (1899-1981), pastor anglicano de linha puritana e evangélica cujo anseio pela extraordinária manifestação de Deus forneceu à Igreja uma das contribuições mais destacadas ao tema, como consta do seu formidável livro intitulado *Avivamento*.

Escrevendo em 1959, ao tratar da *necessidade* de avivamento, Lloyd-Jones¹⁶ observou que a Igreja precisa fazer um *diagnóstico* de sua situação, a fim de entender qual o seu estado, quais os seus problemas e deficiências — em sua época, além da imoralidade crescente, o liberalismo teológico, regido pelo racionalismo do Homem Moderno, propunha uma visão científica, na qual a autoridade da Bíblia não teria lugar. Mais adiante, em sua abordagem das falsas soluções para contornar o dilema da Igreja, o ministro galês aponta a insuficiência da apologética, da arqueologia, dos meios de comunicação (em seus dias, televisão e rádio) e das técnicas de evangelismo pessoal. E, como forma de resolver o dilema moral e espiritual, Lloyd-Jones propõe a busca do poder de Deus.

¹⁵White, p. 89-90.

¹⁶Lloyd-Jones, p. 11-24.

Como ensina o teólogo pentecostal Paulo Romeiro¹⁷ na palestra *A espiritualidade pentecostal*, movimentos religiosos passam por fases de *inspiração, evangelização, organização, educação e estagnação*.

A fase da inspiração seria caracterizada por entusiasmo, alegria, poder, convicção de uma nova identidade e propósito; a evangelização consiste na proclamação do que se recebeu do Senhor; adiante, a etapa de organização enseja a criação de ofícios e procedimentos que conferem estabilidade ao grupo; depois, a fase da educação surge com a produção de escritos e transmissão a novos discípulos; a estagnação, por sua vez, deveria chamar a atenção para a proposta bíblica de que se busque vida nova no próprio Deus.

Examinando a Era Apostólica, por meio de Atos dos Apóstolos e das Epístolas, é possível obter uma noção de como se desenrolaram as referidas etapas, aqui sumariadas para fins didáticos: (a) inspiração com o derramamento do Espírito Santo em At 2; (b) evangelização narrada no Livro de Atos dos Apóstolos e mencionada nas Cartas de Paulo; (c) organização representada pela instituição de presbíteros e diáconos, plantação de igrejas, primeiro concílio eclesiástico e socorro ordenado a pessoas carentes; (d) educação veiculada por Epístolas apostólicas; (e) estagnação com a paulatina incursão de falsos líderes, como os judaizantes, os gnósticos e os aproveitadores de todo gênero.

Pode-se afirmar que alguns grupos parecem se limitar à fase do entusiasmo inaugural, desconsiderando os bons frutos da organização ou da educação teológica. Desejando evitar a estagnação, podem se tornar místicos, fanáticos e extravagantes, recorrendo quiçá a fórmulas canhestras e até ridículas de reprodução do que seria, em sua concepção, o derramamento do poder de Deus, como se dá frequentemente em certas comunidades que a sociologia da religião insiste em denominar “neopentecostais”, possivelmente à falta de designação mais técnica e precisa.

Conclusão

Não pode ser negligenciado o fato de que o evento de Asbury é o primeiro caso amplamente noticiado de avivamento do século 21, o que, além de ensejar o com-

¹⁷<https://www.youtube.com/watch?v=MhVtS0KuWk8>, consultado em 19 de março de 2023.

partilhamento dos fatos em tempo real, encarece a demanda por análises refletidas, numa época embebida em subjetivismo, intempestividade, superficialidade, espetacularização, fragmentação dos posicionamentos pessoais, religiosidade sem religião e prevalência da aparência sobre a substância.

Aproveitando-se a experiência norte-americana, é mais do que oportuno pensar sobre a urgente necessidade de avivamento em solo brasileiro, o que se mostra altissoñantemente relevante por diversas razões, entre as quais podem ser mencionadas as seguintes:

- (1) aumento, entre os evangélicos, do número de divórcios e crescimento de casos de desestruturação familiar;
- (2) escândalos, entre os evangélicos, de natureza sexual, financeira e política;
- (3) relaxamento doutrinário, apagando-se as convicções confessionais que asseguram limites à heresia;
- (4) infiltração de teologias sócio-críticas e pós-modernistas em meio a instituições de ensino tidas por ortodoxas;
- (5) idolatria política, com distorcido entendimento da interação entre Igreja e Estado, Religião e Política;
- (6) galopante imoralidade social, corrupção empresarial, institucional e cotidiana;
- (7) exacerbação das divisões eclesiásticas e quantidade extraordinária de novos grupos que se nominam como “igrejas”, mas por motivos errôneos;
- (8) constrangedor analfabetismo bíblico;
- (9) arrogância espiritual;
- (10) ênfase maior nos interesses eclesiásticos corporativos do que na promoção dos valores do reino de Deus;
- (11) crescente perda de confiança na autoridade bíblica;
- (12) fragilização da autoridade pastoral;
- (13) disseminação de falsos dons espirituais, na forma de gestos e comportamentos que não encontram respaldo bíblico;
- (14) confusão sobre a identidade evangélica;
- (15) ampla falta de discernimento para avaliar o cenário eclesiástico nacional;
- (16) avanço desavergonhado de pregações alegoristas, triunfalistas, espalhafatosas, infantilizantes e bíblicamente débeis.

Outro aspecto digno de registro reside na maneira como crentes de igrejas históricas e de igrejas pentecostais lidam com a ideia de avivamento, o que passa por eventuais noções preconcebidas e impressões demasiado autocentradas.

Numa singela observação, não será impossível o leitor deparar com pentecostais que pensam ser o avivamento um monopólio do seu arraial, assim como alguns crentes de igrejas históricas talvez imaginem que o Movimento Pentecostal não possa ser caracterizado como genuína obra do Espírito.

Independentemente de qualquer ponto doutrinário-teológico que se possa discutir, é preciso ressaltar o fato de que *todo cristão verdadeiro reconhece a indispensabilidade do poder de Deus*: pentecostais, reformados, metodistas, luteranos..., todos os crentes que se entendem por conservadores da Sã Doutrina sabem que o poder de Deus é *conditio sine qua non* para a ação cristã no mundo (cf. Jo 15.5).

A Igreja brasileira carece de avivamento como quem se acha sequioso no deserto, demandando águas abundantes de refrigério (cf. Sl 23.2, 3; Is 44.3; At 3.19). Para isso, é imperioso buscar a face do Senhor em oração perseverante, fervorosa e sincera, semeando em justiça, a fim de que “chova a justiça sobre vós” (cf. Os 10.12; Mt 7.7-14; Lc 11.5-13; Rm 12.12; 1Ts 5.17).

Referências bibliográficas:

- CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia* (São Paulo: Hagnos, 2014).
- GONZÁLEZ, Justo L. *E até aos confins da Terra: puma história ilustrada do cristianismo — a era das trevas* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1981).
- GUSSO, Antônio Renato. *Gramática instrumental do hebraico*. 4. ed. (São Paulo: Edições Vida Nova, 2021).
- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Avivamento* (São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 1993). Tradução de Inge Koenig.
- PFEIFFER, Charles F. et al. *Dicionário bíblico Wycliffe* (Rio de Janeiro: CPAD, 2000).
- SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da Igreja cristã desde as origens até o século XXI* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018). Tradução de Giuliana Niedhardt.
- WHITE, John. *Quando o Espírito vem com poder: sinais e maravilhas entre o povo de Deus* (São Paulo: ABU Editora: 1998).



Alex Esteves

Sobre o autor

É evangelista da Assembleia de Deus filiado à CEADEB. Bacharel em Direito. Analista de Direito do Ministério Público Federal. Mestrando em Teologia Ministerial pela Carolina University (EAD). Relator do Conselho de Ética da Assembleia de Deus em Salvador, e membro da Comissão de Ensino da mesma Igreja, onde também serviu com vice-superintendente na sede. Autor do livro *O Reino que Não Será Destruído: Estudos Elementares no Livro do Profeta Daniel* (Edições Bernhard Johnson). Professor e colaborador do material didático da EETAD, tendo escrito os subsídios dos livros *Hermenêutica Bíblica I, Doutrina da Salvação, Profetas Menores e Daniel e Apocalipse*.

O vaso do oleiro: a cerâmica como auxílio à exegese¹

Francisco Acácio



O livro de Jeremias é um verdadeiro monumento da literatura bíblica. Quem alguma vez já não se sentiu edificado ao ler a célebre passagem do “Vaso do Oleiro”? Nesta passagem (Jr 18—19), o profeta apresenta oráculos de salvação e punição à Casa de Israel utilizando-se do vaso de cerâmica como motivo de sua profecia. A atividade do artesão revela um relacionamento simbólico entre Israel e seu Deus: assim como a qualidade do barro determinava o que um oleiro podia fazer com ele, de igual modo a qualidade ética e moral do povo determinava o que Yahweh queria fazer com ele. Quanto ao ensinamento pertinente aos dias atuais!

No entanto, este episódio tem a revelar muito mais do que verdades religiosas. Enquanto documento religioso-histórico, a Bíblia também retrata questões e circunstâncias específicas do povo hebreu, repleto de referências e indicações sobre a realidade da vida cotidiana. Neste enfoque, merece atenção o uso dos utensílios de cerâmica e suas relações na sociedade em que foi produzida.

¹Ensaio publicado originalmente na revista *Vox Scripturae*, Volume V, Setembro 1995.

No desenvolvimento da Arqueologia bíblica, os produtos da oaria e outros elementos recuperados pelo trabalho sistemático de escavação têm mostrado ferramentas muito úteis à exegese dos textos sagrados. Hoje em dia, no âmbito dos estudos bíblicos acadêmicos, o estudioso atento não pode ficar à margem das atividades arqueológicas na Palestina, cujas descobertas são de grande auxílio na leitura correta das Escrituras.

Nos últimos anos, em razão da influência da mídia, para muitos a arqueologia passou a ser identificada tão somente com a caça de relíquias tais como “Arca da Aliança” ou “Santo Graal”. Todavia, o arqueólogo é muito mais que um Indiana Jones aventureiro atrás de objetos valiosos. Além do árduo trabalho de campo (escavações) sua atividade envolve etapas posteriores não menos importantes como o processamento dos achados em laboratório, estudo e finalmente publicação dos resultados da pesquisa. De um modo geral, a interpretação dos restos arqueológicos é um trabalho extremamente delicado, que pode por vezes conduzir a equívocos totais. No caso dos artefatos recuperados nos diversos sítios arqueológicos situados em terras bíblicas, compete ao estudioso a difícil tarefa de associar a tradição escrita (Bíblia hebraica) com os restos materiais disponíveis, a fim de melhor compreender o funcionamento e transformações da sociedade israelita num determinado momento de sua história.

A cerâmica e suas relações com os textos bíblicos ilustra bem essa dificuldade. Dentro do universo dos artefatos recuperados pelo trabalho de escavação ela constitui um importante instrumento no que se refere à fixação da cronologia.² Além disso, o estudo da cerâmica em arqueologia envolve inúmeras questões como a tecnologia (composição e qualidade da argila, modo de cozimento e decoração), local de produção, classificação, evolução de suas formas, aspecto funcional e distinção entre tradição, importação, imitação e inovação como índices de mudança cultural.

A Bíblia hebraica oferece sugestões para algumas dessas questões, particularmente nos textos de natureza profética, histórica e legal. Por exemplo, o episódio do “Vaso do Oleiro”, cujo vocabulário tomaremos, será o ponto de partida para esta investigação.

²“Método Wheeler-Kenyon”, aplicado na Arqueologia bíblica após 1945; controle de estratigrafia por meio da cerâmica, restaurada totalmente. Cf. Volkmar Fritz, Introduzione all’Archeologia Biblica (Brescia: Paideia Editrice, 1991), p. 53-9.

1. Palavra que foi dirigida por Yahweh a Jeremias
2. “Levanta-te e desce à *casa do oleiro*: lá te farei ouvir as minhas palavras”
3. Eu *desci* à casa do oleiro, e eis que ele estava trabalhando no *torno*.
4. E estragou-se o *vaso* que ele estava fazendo, como acontece à *argila* na mão do *oleiro*. Ele fez novamente um outro vaso, como pareceu bom aos olhos do oleiro (Jr 18.1-4)³

Em primeiro lugar, cumpre situar historicamente a narrativa. Tratando-se de um texto profético, cujo autor presenciou os últimos dias de Jerusalém, podemos situá-lo sem muitas dificuldades na época da antiga monarquia hebraica, o “Período do Primeiro Templo”. Mais precisamente, o texto se refere ao final de uma das etapas mais fascinantes da história de Israel. E o último grande momento de afirmação de Israel como nação livre e independente, cujo desenvolvimento material e espiritual alcançou níveis surpreendentes, e acabou por introduzir modificações profundas, plenas de consequências no ambiente israelita.

Sob o aspecto da cronologia arqueológica, o período correspondente à idade do Ferro II (c. 1000-587 a.C.), marcado sobretudo pelo uso e divulgação da escrita alfabetica e por sensíveis progressos tecnológicos (metalurgia, ourivesaria, cerâmica) no meio hebreu. Essa nova tecnologia pressupunha um conhecimento, uma técnica, estreitamente relacionada à civilização urbana. No caso da cerâmica, o artesão era aquele que fornecia à população utensílios como potes, tigelas, copos, pratos, jarros, bacias, garrafas e vasos maiores para o armazenamento de líquidos e cereais, seja no espaço doméstico, comercial, cultural ou funerário. A cerâmica era importante porque respondia a uma necessidade fortemente sentida pela comunidade, no meio da qual o ceramista gozava de certo prestígio social.

A tecnologia cerâmica

O texto acima relata a visita de Jeremias à oficina do oleiro תַּחַת רָצִיָּה, *Bêt Hayôtser*). Lá o profeta contempla o artesão no seu trabalho sobre o torno. A manufatura da cerâmica foi a principal indústria no mundo antigo, envolvendo uma tecnologia altamente desenvolvida e sofisticada. Nos tempos bíblicos a matéria-prima era o barro, cozido em um forno bem controlado em uma atmosfera

³*Bíblia de Jerusalém*, grifos meus.

oxidante, dando assim uma cor avermelhada ao objeto acabado, designado שָׁרַחַת, *heres* (termo hebraico para barro queimado, utensílio ou caco de cerâmica, cuja raiz significa “ardor”, “estar sendo queimado”).

O barro (*טִיט*, *tit*) era primeiro extraído e então deixado na oficina para curtir. Em seguida era pisado pelo oleiro (cf. Is 41.25), processo habilidoso para remover o ar; era depois misturado com palha fina, pedra triturada ou restos de cerâmica esmagada a fim de reduzir a plasticidade, evitando assim sua quebra quando colocado ao sol para secar.⁴

Quando a argila estivesse pronta, era então modelada na forma desejada (*רָמַה* *homer*, cf. Jr 18.4). Esse trabalho podia ser feito diretamente pela habilidade manual do oleiro sobre um torno, segundo Jr 18.3, ou por meio de moldes já impressos. O poder simbólico do oleiro sobre a argila demonstrado no v.4 também é recorrente nos oráculos de Isaías, que profetizou um século antes, nos dias do rei Ezequias (cf. Is 45.9; 64.8). Interessante notar nestes textos a palavra utilizada para designar “oleiro” (*רֹאצֵר*, *yôtser*), originária de uma raiz hebraica significando “amoldar, formar, criar”. É a mesma simbologia utilizada no relato da Criação no segundo capítulo do Gênesis, onde o Deus-oleiro (Yahweh) modela *צַדְצָה* (*yâtsar*) o homem do pó da terra e ao qual podemos aproximar os relatos mesopotâmicos sobre a formação do homem.⁵

O trabalho sobre o torno na Palestina é atestado desde o Período Calcolítico (“Idade do Cobre”, c. 4000-3150 a.C.), sendo conhecido pelos antigos hebreus por *עֲנָיִם* (*ounaim*), um substantivo na forma dual, designando “duas pedras”. De fato, o instrumento era formado por duas rodas circulares montadas sobre um eixo vertical, que o artesão movia com os pés.⁶

⁴Cf. James B. Pritchard, *The times of the Bible* (Londres: Times Book Limited, 1989), p. 110.

⁵Enquanto a argila é um dos componentes da formação do homem nos textos acádicos (cf. o “Poema de Atra-hasis”, linhas 203, 225s, 231), a palavra não aparece em Gn 2, que fala da criação do homem a partir do pó do solo, *רֶפֶעַ דָּמָעָן הַדָּמָם* (*'afar min-ha'adamâ*), cf. Gn 2.7. Note-se que os animais são modelados a partir do solo, cf. Gn 2.19.

⁶Cf. experiências com um par de rodas do período cananita encontradas no sítio de Hazor (Tel Waqqas); cf. Ruth Amiran, *Pots and Pottery — Monograph XXIV* (Institute of Archeology, Universidade da Califórnia), veja cap. 8.

O local de produção

O texto de Jeremias revela expressivamente um dos locais de produção cerâmica no período monárquico: Jerusalém, tornada cidade israelita sob Davi, que a conquistara dos jebusitas, transformando-a na “Cidade de Davi” (*ir Dawid*), a capital do reino de Israel e Judá. Situada nas proximidades da fonte de Gihon, único afloramento de água potável num raio de cinco quilômetros, a antiga cidade estava disseminada sobre certo número de colinas. Se Davi deu alma a Jerusalém, foi, todavia, com seu filho Salomão que ela tomou corpo, segundo a linha da sabedoria (*hokhmâ*) administrativa da época. Nos dias do rei Ezequias, logo após a queda de Samaria e sob forte pressão assíria (c.722 a.C.) a cidade se expandiu para o norte e leste, formando um novo bairro (cf. 2 Rs 22.14; Sf 1.11).

O relato de Jeremias indica a possível localização da oficina do ceramista em Jerusalém: “levanta-te e desce à casa do Oleiro” (Jr 18.2). O verbo “descer” (*yarad*) sugere que o ateliê estivesse situado numa parte mais baixa da cidade. De fato, as atividades arqueológicas em Jerusalém comprovaram tal conformação da antiga “Cidade de Davi”, contendo uma parte alta (a cidadela; o Monte do Templo) e uma região mais baixa composta de vários bairros.⁷

A continuação do relato no capítulo 19 de Jeremias menciona ainda uma “Porta do Oleiro” ou “Porta dos Cacos” (תַּוְסֵרֶתֶת עֲשָׂרֶנֶת, cf. Jr 19.2), que se encontrava no Vale de Hinon. No período posterior (Segundo Templo), com a reconstrução da cidade por Neemias seria esse portão conhecido como “Monturo” (Ne 2.13) em lembrança ao lixo que se queimava incessantemente, bem como do sacrifício de crianças em honra ao deus amonita Moloque praticado nos dias de Manassés. Os ceramistas de Jerusalém provavelmente se concentravam perto dessa “Porta dos Cacos”, constituindo, juntamente com os demais artífices da cidade um elemento importante da população, já que serão os primeiros a serem

⁷As escavações mais reveladoras na Jerusalém cananita e israelita foram dirigidas por Kathleen M. Kenyon (campanhas de 1961-1967), e por Yigal Shiloh (campanhas de 1978-1985), trazendo à luz 25 níveis de ocupações e numerosos achados arqueológicos datados da época do Primeiro Templo (estruturas ligando a Cidade Alta com a fortaleza, bairros da Cidade Baixa, fortificações, sistemas de águas subterrâneos, etc.), cf. K. M. Kenyon, *The Bible and Recent Archeology* (Londres: Bristish Museum Publications, 1987), veja caps. 6 e 7.

exilados pelos conquistadores neobabilônicos (primeira deportação em 597 a.C., cf. Jr 24.1).

Embora não sejam mencionados expressamente pelos textos bíblicos, centros de fabricação de cerâmica como Laquis, Hazor e outros localizados no vale do Jordão e ao longo da planície costeira vieram a ser revelados pela arqueologia. Estas duas últimas constituem regiões geologicamente mais recentes e, portanto, ricas em depósitos de riquezas minerais como areia, barro e argila, matéria-prima fundamental para a produção cerâmica. Devemos recordar que a planície costeira era o habitat dos filisteus, cuja belíssima cerâmica de imitação micênica (grega) merece um capítulo à parte na história dessa arte. Embora imitação, a qualidade da argila e decoração eram particulares a esses “ povos do mar”, bem como a típica “bilha de cerveja”, uma espécie de ânfora provida de um bico com filtro encontrada em grande quantidade em sítios como Ascalom, Asdode, Gaza e Tel Qasile. Tal fato demonstra terem sido eles grandes festeiros e beberrões conforme narrado em Juízes (Jz 14.10; 16.25).

A classificação cerâmica

Ao descer à oficina cerâmica, o profeta acha o oleiro trabalhando um vaso sobre o torno (Jr 18.3). A palavra hebraica קְלִי, (*K'liy*), traduzida em nossas Bíblias por “vaso” (português, italiano), “vasija” (espanhol), “vessel” (inglês), “Topf” (alemão), é um termo genérico utilizado para utensílios, instrumentos e vasos em geral. À exceção do nome, o texto não fornece nenhuma outra informação sobre o recipiente como dimensão, decoração, acessórios ou utilidade, o que torna impossível qualquer associação a um determinado tipo atestado pela Arqueologia.⁸ A verdade é que nunca saberemos com certeza a forma exata do vaso que “se estragou na mão do oleiro” (Jr 18.4).

Além do termo genérico designando objetos de cerâmica em geral, o texto hebraico do Antigo Testamento utiliza-se de inúmeros outros vocábulos para nomear a diversidade de utensílios integrantes da vida cotidiana do homem bíblico.

⁸Um inventário abrangente dos mais diversos tipos de cerâmica encontrados na Palestina foi elaborado pela arqueóloga israelense Ruth Amiran, *Ancient pottery of the holy land: from its beginnings in the neolithic period to the end of the iron age* (Jerusalém: Massada Press, 1969).

Esse vocabulário pode chegar a quase 50 nomes diferentes se incluídos os vasos de metal, madeira e couro. Alguns parecem ter sido bastante comuns na vida do povo, sendo utilizados com frequência pelos escribas hebreus no decorrer de sua história. Outros, porém, comparecem esporadicamente, indicando talvez uma forma e uso muito particular do recipiente.

De um modo geral, no que se refere à tipologia cerâmica, a Arqueologia distingue os vasos abertos (para conter líquidos e sólidos) e os vasos fechados (para armazenamento). Muitas dessas formas sofreram evolução no decorrer dos séculos. No período do Ferro II — que corresponde à época da monarquia hebraica — a cerâmica israelita passou a ser bem cozida, apresentando belas formas, mas sem a pintura bicromática do período anterior (Cananita). Também na cerâmica se faz sentir uma certa diferença entre o norte e o sul. Muitos vasos como copos, tigelas e jarros de água eram polidos enquanto giravam a roda, porém, os mais luxuosos eram decorados com faixas de tiras vermelhas (Samaria). Essa “louça samaritana” é de particular qualidade, diferenciando-se do restante da cerâmica comum, com bela decoração.⁹

No sul (Judá) grandes jarros eram frequentemente estampados nas asas com um selo real trazendo o nome de alguma dentre quatro cidades, possivelmente centros de produção cerâmica estatal ou pontos de distribuição (Hebron, Zife, Socó e “Mmsht”, não identificada). Tais vasos, datados do final do século 8 e início do 7 a.C., recuperados pela arqueologia, continham o símbolo real no centro, grafado com a palavra *Lammelekh* (= pertencente ao rei) na parte superior e o nome da cidade na parte inferior.¹⁰

Como nova forma de vaso surge o “jarro de água” (“Decanter” ou “Wasserkanne”) no Ferro II correspondente ao בָּקְבָקָה; (*baqbuq*) hebraico. Trata-se de um jarro de gargalo estreito, cujo nome é onomatopáico (segundo o ruído produzido pelo água ao sair) e o mais artístico e caro vaso do oleiro. É mencionado somente duas vezes na Bíblia (1Rs 14.3 e Jr 19.1,10), ambas narrativas da época monárquica.¹¹

⁹Cf. André Parrot, Samarie capitale du Royaume d’Israël (Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1955), p. 59-61.

¹⁰Cf. Nadav Naaman, em BASORBasor, 1986, p. 261.

¹¹Este é o vaso que Jeremias compra do oleiro (traduzido como “botija”) e quebra

O contexto funcional da cerâmica bíblica

Conforme dissemos, a cerâmica era importante porque respondia a uma forte necessidade da população, sentida nas mais diversas áreas da vida cotidiana. Os vasos cerâmicos eram utilizados tanto no contexto da vida doméstica (comer, beber, cozinhar, armazenar cereais, líquidos, transportar víveres etc.) como da vida religiosa (abluição, libação, aspersão, imolação animal, oferendas, incensário, rituais etc.) e funerária (depósito de vasos nas tumbas, rituais fúnebres, queima de perfumes etc.).

Esse amplo contato do homem bíblico com a cerâmica, inclusive com os pedaços fragmentados (**הֶרֶשׁ**, *heres*, caco de cerâmica) é testemunhado em diversas passagens do Antigo Testamento (Jó 2.8; Is 30,14; 45.9). Um importante uso do caco de cerâmica diz respeito à escrita. Conhecidos pelos arqueólogos como “ostraca” os cacos servem como uma espécie de correspondência trocada entre as pessoas. As inscrições hebraicas descobertas em Israel na sua maioria são na forma de “ostraca” (Samaria, Arad, Laquis, Mesad Hoshá-vyahú), uma vez que os documentos escritos em pergaminhos (couro ou papiro) não sobreviveram ao clima úmido da região montanhosa.¹²

No entanto, quem cumpria sua função plena na comunidade era o vaso de cerâmica não fragmentado. Dentre a grande variedade de tipos de vasos fornecidos pelos redatores bíblicos, poucos são os que podemos associar com segurança a um uso específico, seja no espaço sagrado ou profano.

A forma, **פַּקְבֵּחַ**, *phakk*, por exemplo (traduzida por “ânfora”, “jarro”), estava relacionado ao ato da unção dentro do ceremonial de entronização de um novo rei. Trata-se de um pequeno frasco usado como receptáculo do azeite sagrado. A Bíblia registrou a unção de dois reis por meio deste recipiente (Saul: 1Sm 10.1 e Jeú:2 Rs 9.1-3 tradições do reino do norte), porém Davi e Salomão, da Casa de Judá, foram ungidos com o óleo contido no “chifre de carneiro” (*geren*, cf. 1Sm 16.1; 1Rs 1.39).

Já a forma **קָדֵן**, *kad* (traduzida por “cântaro”) aparece no contexto doméstico (Gn 24.14; 1Rs 17.14) e no religioso (1Rs 18.34), servindo para provisionamento

“simbolicamente” diante dos líderes do povo em Jerusalém, cf. Jr 19.

¹²Pelo fato de terem sido produzidos e armazenados numa região desértica, nas proximidades do Mar Morto, os famosos manuscritos descobertos nas cavernas de Khirbet Qumram são uma exceção.

de farinha (Elias e a viúva de Serepta/Sidon, 1Rs 17.14), de água junto à fonte (Gn 24.14) ou junto ao altar do sacrifício (Elias e os profetas de Baal, 1Rs 18.34). O livro de Juízes sugere um vaso de dimensões pequenas que podia ser conduzido no ombro (Jz 7.16), enquanto que no Qohelet o “cântaro” junto à fonte representa uma imagem da duração da vida humana (Ec 12.6).

Estes poucos exemplos dão uma ideia da grande dificuldade em se determinar a exata significação da terminologia bíblica para os vasos de cerâmica. Não resta dúvida que os utensílios se distinguiam um dos outros, seja pela forma, seja pelo uso, cuja lembrança ficou registrada por meio dos vários nomes utilizados pelos redatores bíblicos, mas cujo significado exato em muitos casos continua enigmático para os estudiosos modernos.

Conclusão

A arqueologia, enquanto ciência auxiliar de pesquisa, abre novas perspectivas de visão que servem para enriquecer a Bíblia por dentro, atualizando seus escritos que continuam a despertar a fé num Deus único criador e salvador.

Assim, Bíblia e ciência não se excluem, pelo contrário, se complementam. É o caso dos vasos de cerâmica, presentes praticamente em todas as fases da vida humana, amplamente testemunhados pelos escritos bíblicos, aos quais é possível aproximar os contextos arqueológicos relacionados à produção e tecnologia. Quanto à classificação tipológica dos vasos a terminologia hebraica não é unânime e não é possível chegar à certeza na aplicação desses nomes aos conhecidos tipos arqueológicos.

Além dos usos convencionais nos contextos utilitário-doméstico ou religioso-cultural, a cerâmica era também utilizada no âmbito da vida administrativa na forma de correspondência (“ostraca”) ou como arquivo de tabletas ou papiros (Jr 32.14). Foi exatamente em vasos de cerâmica que se encontraram os famosos Manuscritos do Mar Morto, a mais importante descoberta arqueológica do século 20 no que concerne aos estudos bíblicos.

No estudo da cerâmica e suas conexões com o mundo bíblico há ainda um campo aberto para novas sugestões, as quais poderão ser melhor elucidadas à luz de novas pesquisas e descobertas.

Sobre o autor

Francisco Acácio

Membro da Igreja Batista do Morumbi (S.P.) é advogado, mestre em língua Hebraica e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo, e professor de Hebraico na ESTE — Escola Superior de Teologia Evangélica, em São Paulo.

O prólogo joanino e o Logos cristão

Elias Gomes



O presente estudo aborda de modo introdutório alguns aspectos da doutrina do Logos cristão, mais precisamente a partir do prólogo de João. Veremos que o respectivo assunto foi muito abordado no início da cristandade, em especial na chamada literatura patrística.

Introdução

O estudo sobre a temática cristológica passa necessariamente pelo prólogo de João. Tal necessidade não deve ser considerada um empecilho ou exagero, sobretudo se levarmos em consideração a riqueza análogo-imagética contida na respectiva narrativa. O texto canônico possui como ponto cardeal a figura de Jesus de Cristo como o revelado do Pai, na universalidade da história e num mundo dos homens. Isto é, o prólogo de João é uma espécie de história que narra como Deus se volta para os seres humanos, pois dirigir a palavra a alguém significa voltar-se para essa pessoa. Portanto, pela instrumentalidade do *Logos Cristológico* no processo encarnacional de seu Filho (Jo 1.14), Deus volta-se para os seres humanos (SCHNELLE, 2017, p. 878).

A encarnação do Logos Cristológico permitiu o estabelecimento de uma nova realidade salvífica. Essa nova realidade ocorre no tempo. Segundo se lê nas Escrituras: “*O Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1.14). A temporalidade histórica do Logos Cristão reverbera de maneira extraordinária, na capacidade de Deus estampar sua autorevelação de forma misteriosa e absoluta, pois o Logos entrou de modo real no tempo e na história, sem se confundir com ela (SCHNELLE, 2017, p. 881). Dessa maneira, o próprio Deus torna-se sujeito da existência humana real. Nesse sentido, o grande mistério reside no fato que: “*a encarnação não significa o abandono da divindade de Jesus; ao contrário*, no Prólogo de João, a humanidade de Jesus passa a ser um predicado de sua divindade” (SCHNELLE, 2017, p. 881-2).

A narrativa joanina procura deixar claro que no processo encarnacional Jesus tornou-se um ser humano e, ao mesmo tempo, continuou a ser Deus. Portanto, Deus no modo da encarnação. Ele se tornou ser humano sem distância e sem diferença, ou seja, um segundo Adão, um ser humano entre seres humanos. Ao mesmo tempo, ele é o Filho de Deus, que, em relação ao Pai, encontra-se sem distância e sem diferença (SCHNELLE, 2017, p. 882). Proporcionalmente, a encarnação é a afirmação de que Deus se fez história e faz caminhada concreta com o povo. A encarnação é apropriação não apenas de uma natureza humana completa, mas também de uma história de vida humana (FIORENZA; GALVIN, 1997, p. 416).

No prólogo, veremos também a presença latente de outro conceito central da cristologia joanina, a saber: *a preexistência do Logos*. Isto é, João não se interessa em situar Jesus nas mesmas perspectivas dos sinóticos. O início do quarto Evangelho é peculiar. Enquanto Marcos começa com a pregação de João Batista, Mateus e Lucas que partem do nascimento de Jesus, o apóstolo João remonta à preexistência eterna do Cristo como Logos junto de Deus, numa temporalidade que ultrapassa também o início da Bíblia (MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 126). O Logos existe antes mesmo do messianismo de Matheus (Mt 1.1-17); do princípio adâmico de Lucas (Lc 3.38); e do pragmatismo de Marcos (Mc 1.14). Sua preexistência o remete ao “princípio” absoluto de todas as coisas (CULLMANN, 2002, p. 327). Na eternidade do Logos, João vai buscar a origem da fé de sua comunidade. Tal origem vai além dos antepassados apontados pelos sinóticos como Adão, Abraão, Moisés etc.

É por isso que mais tarde a literatura patrística vai se apropriar dessa verdade bíblica para forjar o conceito de *Logos Spermátikos* (sementes do Verbo). Trata-se da tentativa de exemplificar a preexistência do Logos Cristológico para além da tradição judaico-cristã, perpassando-se, por meio de diversos testemunhos de amplitude “parcial”, deixados por Deus em outras culturas. Em certa medida defende-se que as sementes do Verbo divino teriam também se “revelado”, iluminando assim: gregos e bárbaros. Vejamos.

1. O que Jerusalém tem a ver com Atenas?

Na origem do cristianismo, a Igreja existia junto e contextualmente diante de culturas anteriores. Refiro-me as culturas judaico-grego-romana. Não podemos nos esquecer, que, embora participemos de uma eclesiologia divina, a Igreja é formada por seres humanos. Nesse sentido, os homens são “seres culturas”: herdeiros e testadores de comportamentos subjacentes, visto que ninguém começa culturalmente no ponto zero ou absolutamente neutro (SCHILLEBEECKX, 2012, p. 113). Qualquer instituição se estabelece dentro de um contexto histórico. Em geral, a história é um processo de aprendizagem, transmissão e cultura, e ao mesmo tempo planejamento; assim, ela é tanto tradição quanto experimentação. Tal fenômeno tem como estrutura primordial a memória. A estrutura de memória ou recordação acentua-se aí: nossa ação ou omissão se deixam codeterminar pela dialética entre o presente e o futuro; entre o que é e o que vir-a-ser. Isto é, memória e esperança, tradição e profecia (SCHILLEBEECKX, 2012, p. 113). Portanto, o homem não é necessariamente determinado apenas por seu passado, mas também impõe à história seus desejos e anseios, criando assim tradições.

Dentro da nossa temática, é imprescindível dar-se conta disso para compreender todo o alcance da afirmação joanina de que: “O Logos se fez carne”. Começamos por lembrar que o título Logos ocorre já na mais antiga filosofia grega, a de Heráclito, e, mais tarde, especialmente no estoicismo (CULLMANN, 2002, p. 330). Entretanto, em termos *pastorais* e *eclesiásticos* é necessário fazer as devidas distinções. Na cultura helênica, o Logos é uma espécie de “lei suprema” do mundo que rege o universo e que, ao mesmo tempo, está presente na razão humana. Trata-se, pois, de uma abstração, não uma *hypóstase*. Consequentemente, ao falar do Logos, e mesmo que se postule acerca dele que “era desde o princípio” (Jo 1.1),

esta alma impessoal e panteísta do mundo, de que fala o estoicismo, é coisa muito distinta do Logos joanino (CULLMANN, 2002, p. 330).

Entretanto, buscando estabelecer o diálogo, o primeiro movimento apolológico que procurou “minimizar” a distância entre o logos grego e os princípios de autorevelação divina, foi realizado em meados do século 1 d.C., pelo teólogo judeu Fílon de Alexandria. Ele é considerado inclusive o iniciador de empreender a tarefa de casar a religião judaica com a filosofia helenística (LADD, 2003, p. 358). Embora preservou a atitude judaica para com o Antigo Testamento como a Palavra inspirada de Deus; mas, por meio de sua interpretação alegórica, descobriu supostos conceitos filosóficos nas escrituras veterotestamentárias.

Em Fílon, o logos grego é apresentado como certo grau de equivalência como a chamada Sabedoria Judaica. A consequência imediata e evidente deste enfoque repousa em relação à consideração filosófica — que jamais prescinde do surgimento das questões no interior da própria obra atribuída a Moisés —, da fé com relação à intelectualidade (MORAES, 2017, p. 55). Nesse contexto, é importante notar que, embora o empreendimento argumentativo do judeu alexandrino não seja de tudo aceito em sua totalidade, sobretudo em alguns círculos mais rígido, veremos de fato adiante, que sua originalidade e legado serão indiscutivelmente sentidos especialmente na chamada literatura patrística.

2. Da sabedoria judaica ao Logos Cristológico

A exclusividade da manifestação do Logos Cristão é um *milagre*. Por isso, o processo encarnacional de Jesus Cristo só pode ser compreendido em sua *totalidade* pela instrumentalidade de elementos que “transcendem” a cognição humana. Assim como a doutrina da Trindade, a encarnação enquanto doutrina cristã também é catalogada como fenômeno que excede a razão. Segundo a fé cristã — mais precisamente nas palavras de Tomás de Aquino: “das obras divinas, a Encarnação é a que mais excede a nossa razão, pois nada de mais admirável se pode pensar como tendo sido realizado por Deus, do que o verdadeiro Filho de Deus, fazer-se verdadeiro Filho do homem” (TOMÁS DE AQUINO, 2017, p. 663). Subentende-se então, que, embora seja de fato reconhecido que do ponto de vista teológico exista uma revelação messiânica do Antigo Testamento esta ainda se encontrava em um estado parcial e embrionário.

Dante disso, é preciso entender, contudo, que embora a despeito de certas semelhanças, é que estamos tratando de conceitos distintos. Portanto, nem a

ideia do logos helenístico nem a da Sabedoria Judaica, se aproximam em absoluto da verdade canônica de que João enuncia por meio de sua doutrina do Logos Cristão. Ora, o logos de Fílon é algumas vezes hipostasiado e personificado, mas jamais é *personalizado*; assim como também não é a Sabedoria Judaica (LADD, 2003, p. 359). Teologicamente, o conceito de logos de Fílon é utilizado para promover os interesses de uma suposta cosmologia dualista, que remove Deus do contato imediato com a Criação, ao passo que no prólogo de João, o Logos nos é apresentado para introduzir Deus, em Cristo, diretamente na concretude de sua criação (LADD, 2003, p. 359).

O Logos Cristão apresentado no prólogo de João possui especificidades salvíficas diferenciadas. Dentre elas, destaca-se: *Preexistência e Eternidade* (Jo 1.1a); *economia da Trindade e o relacionamento com Deus* (Jo 1.1b); *revelador supremo da Divindade* (1.18); *participação no processo de Criação* (Jo 1.3); *encarnação e esvaziamen-*
to (Jo 1.14); *participação e relacionamento com a humanidade* (Jo 1.4b). Nesse sentido, é preciso afirmar que o Logos Cristológico se relaciona com Deus, apresentando-se assim, como o revelador da divindade, da qual dele emana para a Criação e encarnação. O seu testemunho foi dado por meio de João Batista, o enviado de Deus. O mundo, porém, o rejeitou, mas o Logos continua sendo a luz da humanidade e a gloriosa vitória sobre a escuridão.

3. As “sementes do verbo” ou o Logos *Spermátkos*

A noção do *Logos Spermátkos* (sementes do Verbo) nada mais é do que uma tentativa confessional forjada na literatura patrística voltada de forma exclusiva a indicar que, embora o Logos Cristológico tenha se manifestado em sua plenitude, só recentemente na temporalidade do processo encarnacional de Jesus Cristo (Jo 1.14) sua presença, influência e ação efetiva é teologicamente considerada muito mais antiga. Na história da teologia, apologistas tais como Justino, Clemente e Orígenes da Alexandria defendiam veementemente essa ideia. O primeiro admite, sem hesitar, que os antigos filósofos gregos que conheceram e praticaram a verdade, tais como Platão e os estoicos, tiveram um contato parcial com o logos; contudo, eles não o possuíram integralmente. (BOEHNER; GILSON, 2012, p. 29). Diferente dos cristãos cujo prólogo joanino apresenta-nos o Logos em sua absoluta plenitude. Justino Afirma: “[...] os filósofos participaram do Logos, pois tudo quantos filósofos e legisladores descobriram e proclamaram de acertado: todos os conhe-

cimentos e descobertas eles os conquistaram trabalhosamente na medida em que tiveram parte dos Logos” (JUSTINO DE ROMA, 2013, p. 98-9). Nesse sentido, o cristianismo enquanto religião mostra-se mais sublime do que todo ensinamento humana, pela simples razão de possuirmos o Verbo inteiro, que é Cristo, mas manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma (JUSTINO DE ROMA, 2013, p. 100).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Clemente de Alexandria explica: “[...] Se, de fato, os gregos entreviram, melhor que os outros, alguns sinais do Logos divino e entenderam certos laivos da verdade, confirmaram, pois, com seu testemunho, que força da verdade não estava oculta [...] agora eu creio que parece claro a todos que, fazer ou dizer alguma coisa sem Logos da verdade, é algo completamente semelhante a andar sem ter pés” (CLEMENTE DE ALEXANDRIA, 2013, p. 141). Dito de outra forma, para Clemente, o Logos se revelou definitivamente no cristianismo, mas, atuou de forma preparatória para a vinda de Cristo por meio da Lei dada aos judeus e da filosofia obtida pelos gregos. Tanto a lei quanto a filosofia participaram deste processo da pedagogia de Deus a fim de preparar os homens para receberem o Logos encarnado que é Cristo (SOUZA; PEREIRA, 2017, p. 89).

Finalizando temos os argumentos de Orígenes. O apologista nos informa que Deus criou um mundo espiritual, inteligível e que este mundo procede de Deus desde a eternidade e Cristo, que é o Logos, faz parte deste mundo (SOUZA; PEREIRA, 2017, p. 90). Orígenes acreditava que o Logos é eterno e independente, nunca houve tempo em que ele não existisse. Assim, o Filho tem a mesma essência do Pai e está subordinado a Ele. Foi Orígenes que cunhou o conceito de *homooúsios* (mesma natureza) e subordinação (SOUZA; PEREIRA, 2017, p. 90). Proporcionalmente, o autor tem a mesma concepção de pedagogia divina defendida por Clemente. Com isso, informa que para o mundo inteligível, os espíritos imateriais, criados por Deus, viviam em perfeita harmonia, mas, depois que o mal penetrou nesta esfera, esses seres sofreram a queda, surgindo então, os homens, os anjos e os demônios (WALKER, 2006, p. 112). Deus criou o cosmos visível a fim de ensinar a estes seres a retornarem à sua glória original. Neste processo entra a ideia da pedagogia de Deus que culmina na encarnação do Logos. Portanto, para Orígenes, “o Logos aproxima-se dos seres humanos decaídos através da mediação da única criatura racional que não caiu: o ser humano que é Jesus” (WALKER, 2006, p. 112-3).

Considerações finais

Mesmo que seja breve, a respectiva reflexão aqui elaborada é importantíssima. Como podemos constatar o prólogo de João foi determinante para conclusão interpretativa do dogma da encarnação de Jesus Cristo. Ao longo da história, os desdobramentos e frutos gerados pela doutrina sempre produziram resultados positivos, independentemente das várias fases e facetas em que ela esteja inserida. Subentende-se que por meio das diversas fontes bibliográficas pesquisadas tenha ficado evidenciado, que os Pais da Igreja não se curvaram diante das heresias presentes no contexto em que viveram, mas, com ousadia e coragem defenderam a divindade de Cristo de forma categórica. Embora algumas defesas apresentassem contradições pontuais, o teor geral da mensagem foi mantido, fato que culminou nos grandes Concílios, contribuindo para a sistematização da fé na divindade da Pessoa de Cristo.

Referências bibliográficas

- BOEHNER, P; GILSON, E. *Filosofia Cristã* (Petrópolis: Vozes, 2012).
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Exortação aos Gregos* (São Paulo: É-Realizações, 2013).
- CULLMANN, O. *Cristologia do Novo Testamento* (São Paulo: Custom, 2002).
- FIORENZA, F; GALVIN, J. P. *Teologia Sistemática* (São Paulo: Paulus, 1997). vol. 1.
- JUSTINO DE ROMA. I e II Apologias/ Diálogo com Trifão (São Paulo: Paulus, 2013).
- LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2003).
- MORAES, M. *O Logos em Filon de Alexandria*.
- MORESCHINI, C; NORELLI, E. *História da Literatura Cristão Antiga Grega e Latina* (São Paulo: Loyola, 2014). vol. 1.
- ORÍGENES. *Tratado Sobre os Princípios* (São Paulo: Paulus, 2012).
- SCHILLEBEECKX, E. *História Humana: Revelação de Deus* (São Paulo: Paulus, 2012).
- SCHNELLE, U. *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Academia Cristã Paulus, 2017).
- SOUZA, J. H; PEREIRA, S. A Doutrina do Logos na Perspectiva Patrística: um estudo a partir de João 1.1. *Teologia e Espiritualidade*. vol. 4, no 08, Curitiba, Dez/ 2017, p. 73-9.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios* (São Paulo: Ecclesiae, 2017).
- WALKER, W. *História da igreja Cristã* (São Paulo: ASTE, 2006).



Elias Gomes

Sobre o autor

Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR). Especialista em Filosofia Contemporânea (FACEL). Especialista em Teologia Sistemática (CPAJ/MACKENZIE). Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor de Filosofia pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP), e de Teologia pelo Seminário Batista do Nordeste Paulista (SEBANOP). Atualmente o mesmo desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia, Educação e Cultura Religiosa.

Ética cristã: os valores cristãos e a cidadania

Manoel Pedro



Este artigo, em primeiro lugar, descreve alguns movimentos do século 20 que foram importantes na reflexão dos valores éticos para o homem e a sociedade. Apresenta também o campo da ética no sentido das escolhas morais práticas feitas pelo homem, diferenciando essas escolhas na visão da ética e das ciências sociais. Outro assunto descrito neste artigo é sobre a ética no deícalogo, onde Jesus no seu Sermão do Monte apresenta-o como sendo a máxima da Lei. Neste artigo ainda se discorre sobre a ética na visão reformada. Sendo ao homem impossível agradar a Deus, este necessitará sempre da graça irresistível do Senhor para si. Esta é a base da ética reformada. Finalmente, o último assunto abordado é sobre a resposta que o homem deve dar às atividades e ações de Deus. Gardner, em seu livro *Fé bíblica e Ética social*, desenvolve três importantes atividades de Deus, as quais o homem tem o dever de responder a cada uma delas.

A ética cristã no século 20

A ética cristã no século 20 vai concentrar-se principalmente na questão da justiça social. O potencial radical do cristianismo foi atiçado pela percepção de que a

transformação social não é apenas possível, mas também necessária se quisermos sobreviver dignamente no planeta terra.¹

Uma das grandes revoluções na história do pensamento ético cristão² vai ser a convicção de que o evangelho é uma fonte de transformação do mundo, não só com vistas futuras, mas também no presente, mediante a nossa participação na ação transformadora contínua de Deus. Surge assim o movimento do “evangelho social”.

O começo deste movimento está ligado ao trabalho de Washington Gladden, em 1875, na cidade de Springfield, Massachusetts, onde falando aos empregadores que frequentavam os cultos da North Church, insistia na responsabilidade deles de providenciar empregos.³

O principal teólogo deste movimento do Evangelho social, Walter Rauschenbusch, em uma série de conferências sobre *Uma teologia para o evangelho social*, em abril de 1917, fez uma importante declaração: “Temos um evangelho que é social. Precisamos agora de uma Teologia Sistemática suficientemente ampla para comportar esse evangelho e suficientemente dinâmica para promovê-lo”. Para ele o conceito de pecado deixou de ser meramente individual para ser coletivo: o pecado das “forças supre pessoais”, das câmaras municipais, das forças policiais, dos sindicatos, das empresas industriais e do próprio estado.⁴ Essas entidades coletivas tinham potencial para promover tanto o reino do mal quanto o reino de Deus.

Outro nome que surge deste movimento é o de Reinhold Niebuhr. Em seu livro *O homem moral e sociedade imoral*, de 1932, ele concorda com o argumento de Marx e Engels que diz que o problema da sociedade conflitos é o de interesse entre grupos sociais, não tanto o comportamento moral dos indivíduos. Niebuhr ainda afirma que as relações entre grupos não são determinadas pela mesma moral que determina as relações entre pessoas individuais. Pelo fato de que as relações pessoas são situadas no plano do amor. Já as relações entre grupos situam-se no plano da justiça. Ele explica isto da seguinte forma: “A base do amor é a auto-

¹Keeling, Michael. *Fundamentos da ética cristã* (São Paulo: Ed. Aste, 2002), p. 11.

²Ibidem.

³Ibidem, p. 12.

⁴Ibidem.

doação sacrificial, enquanto justiça é distribuição do poder". Ele ainda afirma que a ideia de que o amor pode estruturar as relações da sociedade não passa de ilusão.

Há duas implicações distintas no argumento de Niebuhr. A primeira revela o reconhecimento da realidade do poder. Quando Niebuhr se refere aos cientistas sociais, diz que estes buscam uma "acomodação" social, uma solução resultante da mútua moderação das reivindicações das partes em conflito.⁵ Mesmo não compartilhando inteiramente da análise marxista, Niebuhr reconhece que a atração do marxismo, nos meios operários industriais, é resultado do seu enraizamento na realidade de cada dia; e sua própria experiência como pastor dava credibilidade à noção de que "a plena maturidade do capitalismo norte-americano dará lugar, inevitavelmente, à emergência do proletariado marxista norte-americano" (p. 144). A segunda implicação do argumento feito por Niebuhr diz respeito à distinção que Niebuhr faz entre relações pessoais e justiça social. Tal distinção decorre da sua elevada estima pela fé cristã. Ele diz: "A ética religiosa (mais particularmente — mas não exclusivamente — a ética cristã) insiste em que devemos atender às necessidades do próximo, independentemente de cálculos meticulosos sobre a legitimidade dessas necessidades" (p. 57). O que Niebuhr afirma é que essa exigência religiosa é sempre absoluta, mesmo que sua plena realização se situe além das possibilidades do tempo presente.⁶ O problema que se pode perceber aqui é que ao rejeitar a eficácia da vontade santa na esfera social, Niebuhr cria uma separação entre Deus e a história que é inaceitável para a fé cristã.

Em 1939, nas conferências Gifford, Niebuhr procura dar uma versão entre o amor absoluto de Deus e a realidade da história. Para ele, o amor é o cumprimento e a negação de todas as realizações de justiça na história. Ele nos apresenta o amor como tendo duas facetas: "o amor recíproco" que consiste em atender ao próximo dentre as possibilidades da história, e o "amor sacrificial" que é o amor de Jesus na cruz. Ele ocorre na história, mas se situa na perspectiva final do reino de Deus. O amor recíproco é sempre uma oportunidade para inserir o amor sacrificial na história; e a força que permite viver destemidamente o amor recíproco nas contingências da história provém sempre do amor sacrificial de Jesus. Keelin faz uma observação importante aqui, onde afirma que essas duas facetas do amor

⁵Ibidem, p. 14.

⁶Ibidem, p. 15.

podem desencontrar-se; por exemplo, no que concerne à religião e à política, sabe-se que a primeira enfatiza normalmente o “amor sacrificial”, enquanto a esfera política contenta-se quando muito com o “amor recíproco”.⁷

Na Europa o cenário vai ser um pouco diferente. Se nos EUA os teólogos fazem suas reflexões num clima relativamente descontraído, os seus colegas europeus são obrigados a trabalhar em meio a conflitos brutais.

Karl Barth marca com seu pensamento sobre a teologia protestante liberal. Para ele tal teologia estava a serviço dos interesses propagandistas das duas partes opostas na guerra de 1914-1918, e dos perpetradores das barbaridades daquele conflito. Desta constatação de Barth é que surge o que se pode considerar o mais robusto protesto teológico do século 20.⁸ “O Evangelho não é uma mensagem religiosa sobre a divindade da humanidade, nem sobre como essa humanidade pode tornar-se divina. O evangelho é a proclamação de um Deus absolutamente distinto do ser humano” (p. 28).

Em 1953, Barth faz uma afirmação sobre a liberdade natural e a liberdade em Cristo. Ele diz que ambas estão incluídas no dom divino da liberdade. “Dizer que uma pessoa é livre, é reconhecer que Deus lhe deu liberdade. A liberdade humana se exerce na história, na mesma história que conduz à salvação final” (p. 75). Assim, pode se afirmar que a ética cristã nunca pode ser reduzida a um preceituário. “A Sagrada Escritura recusa-se a ser transformada em código de regras; e é errado usá-la como tal (p. 85). Quando seres humanos ousarem fazer exigências éticas uns aos outros, devem fazê-los com humildade e sempre tendo em conta a liberdade do outro e sobretudo a liberdade de Deus.”⁹

Bonhoeffer, no ano novo de 1943 escreve uma análise sobre o impacto que os acontecimentos dos últimos dez anos tiveram em sua vida. “Será que nossa força interior permanecerá suficientemente forte, e nossa honestidade suficientemente livre de remorso para podermos reencontrar o caminho da simplicidade e da retidão?” (p. 17). A questão levantada aqui por Bonhoeffer visa uma reflexão sobre a obediência à vontade de Deus. No seu livro *Discipulado* (1937), ele aborda com veemência essa questão. “Só quem abandona tudo para seguir a Cristo é que pode

⁷Ibidem.

⁸Ibidem, p. 16.

⁹Ibidem, p. 17.

dizer ter sido justificado pela graça” (p. 43). Em suas reflexões encontra-se uma frase muito interessante: “o sofrimento pessoal é um caminho mais promissor e mais seguro para se penetrar no mundo do pensamento e da ação, do que as condições de uma vida confortável” (p. 17).

No pensamento de Bonhoeffer, a proclamação do evangelho se expressa tanto na solidariedade com o sofrimento dos oprimidos quanto na pregação da igreja, mas nunca uma sem a outra. É hora de a igreja abrir mão de pretensões quixotescas e da obsessão pelas suas próprias atividades, a fim de melhor servir a Deus no mundo.

Emil Brunner aparece como outro nome neste cenário da ética cristã no século 20. No seu livro *Imperativo divino*, publicado pela primeira vez em 1932, ele tenta resolver a tensão entre a situação presente do mundo e as exigências do evangelho estabelecendo duas categorias de imperativos morais.¹⁰ Uma consiste dos mandamentos que derivam da natureza humana inerente à criação. É as instituições básicas e práticas como a família, o governo, a indústria, a igreja. A outra tem a forma de mandamento específico que é dirigida ao indivíduo situado na encruzilhada de uma decisão vital.¹¹ Brunner apresenta o desafio sobre a decisão da salvação do indivíduo. Diz ele: “É exatamente nessa linha divisória entre o passado e o futuro que se encontra o momento presente, o momento da decisão” (p. 122). Tal decisão é essencialmente propulsionada pelo fato que a experiência do passado e a esperança do futuro convergente no momento presente.

A ética judaica sempre entendeu que o mundo, desde a sua criação por Deus, contém uma estrutura moral fundamental. Quando Brunner, à semelhança de Lutero, argumenta que certas instituições são necessárias para o bom funcionamento da vida coletiva, sua lista dessas instituições é visivelmente condicionada culturalmente.

Esse modelo ético de Brunner introduz um elemento de tensão interna na noção de justiça social. Tensão entre aquilo que é possível no presente e aquilo que será a plena expressão da visão cristã de comunidade, caso esta chegue a realizar-se no mundo.¹²

¹⁰Ibidem, p. 21.

¹¹Ibidem.

¹²Ibidem, p. 22.

Já no pós-guerra, a teologia vai concentrar suas atenções no tema da ação de Deus nos eventos do passado recente e na pergunta “como discernir doravante essa ação de Deus”. Surge então, no meio protestante europeu a “Teologia da Esperança” com Jürgen Moltmann. Influenciado pelo filosofo e historiador marxista Erns Bloch, rejeita a noção simplista de escatologia, seguro de que certos acontecimentos externos irromperiam história adentro, para sugerir que a escatologia implica esperança presente. Escreveu ele: “Só a esperança é realista, porque só ela leva a sério as possibilidades inerentes à realidade” (p. 25).

Para Moltmann, a revelação bíblica não é nem repetição de eventos religiosos passados, nem previsão de um futuro distante, mas sim a história daquilo que é possível acontecer no amanhã imediato como resultado de uma ação presente.¹³

Quando se refere a Jesus, Moltmann faz a seguinte declaração: “a esperança cristã quanto ao futuro nasce da constatação de um fato específico e singular: a ressurreição de Jesus Cristo e seu aparecimento aos discípulos” (p. 194). Entender a escatologia não é ter conhecimento de certo grandioso plano divino na história, e sim viver desde já a dialética do presente e do futuro.¹⁴ “A cruz desafia o cristão a entrar esperançosamente no âmago do drama humano atual”. O que se pode concluir sobre o trabalho de Moltmann de reconstruir uma teologia da sua Europa é a falta de um enraizamento histórico explícito e uma análise em profundidade de um contexto mais concreto.

Neste cenário tem-se outro trabalho. O de Gustavo Gutiérrez, em 1971, em Lima: *Teologia da libertação*. Um dos pontos de partida de Gutiérrez neste seu trabalho é de descrever sobre o fracasso das políticas mundiais de desenvolvimento econômico. O esforço de muitos países latino-americanos para alcançar um crescimento econômico sustentado não conseguiu diminuir o abismo entre o continente e os países industrialmente desenvolvidos.¹⁵ A política de “desenvolvimento” acabou tornando esses países mais dependentes dos países ricos. “O subdesenvolvimento dos países pobres, enquanto fato social generalizado, é claramente um subproduto histórico do desenvolvimento de outros países” (p. 84).

¹³Ibidem, p. 23.

¹⁴Ibidem, p.24.

¹⁵Ibidem, p.25.

Gutiérrez não analisa o desenvolvimento somente em termos econômicos, já que este é apenas um elemento do amplo processo social de distribuição de bens e serviços, de rentabilidade e de acesso ao poder político.¹⁶ Sua reflexão parte também da incongruência da cultura reinante: “As nações pobres e dominadas vão ficando para trás; a distância que as separa das outras vai aumentando. Elas se tornam mais e mais periféricas em relação ao nível cultural dos países do centro; e é problemático que algumas delas possam recuperar o terreno perdido” (p. 86). Keeling afirma diante disto que se corre o risco real de dividir a humanidade em duas espécies diferentes.

Isto leva-nos a uma necessidade de se acrescentar uma análise da situação em termos de poder político. “A teoria do desenvolvimento deve levar em conta a situação de dependência e a possibilidade de libertar-se dela” (p. 87-8). Neste ponto cria-se na América Latina uma verdadeira situação revolucionária, cujo catalizador, foi a Revolução Cubana. A essa revolução, Dom Helder Câmara, arcebispo de Recife, dá uma das mais apropriadas respostas: ele diz que ela não passa de uma “espiral da violência”. Segundo Dom Helder, a “libertação” requer uma análise e uma estratégia mais aprofundada.

Esse vai ser então o trabalho de Gutiérrez. Ele trata de formular uma compreensão teológica da libertação que, sendo fiel à Bíblia e ao ensino da Igreja Católica, também respondesse às exigências da situação humana no continente.¹⁷ Dois critérios tornam-se característicos em sua teologia da libertação: primeiro, o seu empenho para que a teologia fosse verdadeiramente bíblica: “A Palavra é o fundamento e o significado de toda a existência; esse fundamento se confirma e esse significado se concretiza através da ação humana” (p. 283).

Segundo, a solidariedade para com os pobres. “Cabe à Igreja, num continente de miséria e injustiça como o nosso, dar ao tema da pobreza a importância que merece; a autenticidade da pregação da mensagem do evangelho depende desse testemunho” (p. 288). O livro de Gutiérrez termina com o reconhecimento de que, em última análise, a libertação será realizada pelos próprios oprimidos.

Na Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade, em Genebra, 1966, desenvolve-se a preocupação com a pobreza no mundo. Nessa conferência firma-se

¹⁶Ibidem.

¹⁷Ibidem, p. 26.

uma agenda do Conselho Mundial das Igrejas. “Temos viva consciência da sorte ingrata dos países em desenvolvimento, os quais representam dois terços da população do mundo, mas só têm acesso a um quarto dos seus recursos” (p. 209).

É nessa conferência que se marca uma ruptura com o pós-guerra. O Conselho Mundial de Igrejas, ainda dominado por representantes da América do Norte e do ocidente europeu, revela que o enfoque de suas preocupações será os problemas da África, Ásia e América Latina. Nela vai haver uma busca ao desenvolvimento econômico e da justiça social do chamado “terceiro mundo”.¹⁸

Em 1979, quando o Conselho Mundial das Igrejas convocou a conferência “Fé, ciência e futuro”, em Boston, vários problemas novos já se tinham somado às questões de desenvolvimento e justiça social.¹⁹ Discorrendo sobre o tema “Transição para uma sociedade justa, participativa e sustentável”, o cientista nuclear John M. Francis caracterizou a situação vigente: “A ilusão do domínio, que impregnou a busca de tecnologias cada vez mais poderosas, caiu por terra por um período indefinido” (p. 178).

Nesta conferência, o arcebispo-metropolitano de Nova Delhi, da Igreja Ortodoxa Assíriana, utilizou o texto de Apocalipse 12.1-6 para pregar sobre o fundamento da esperança cristã. “A nova humanidade, prestes a nascer, depende de Deus e é destinada a viver na presença do trono de Deus. Mas, cuidado! Não nos deixemos devorar pelo dragão ameaçador, iludidos pela falsa segurança que cremos ter em nossa ciência e tecnologia” (CMI, 1980, vol. I, p. 379).

Como crentes em Jesus Cristo, podemos perguntar: que elementos encontramos na tradição cristã que nos induzem a uma nova reflexão sobre o significado do ser humano e de sua vida em comunidade no ambiente natural que lhe foi confiado? A resposta a essa pergunta exige uma volta às raízes.²⁰

O campo da ética cristã

A ética vai ocupar-se com as escolhas morais práticas que os homens fazem, mas também, com os alvos e princípios ideais que reconhecem estarem impondo exigências sobre eles.²¹

¹⁸Ibidem, p. 29.

¹⁹Ibidem, p. 31.

²⁰Ibidem, p. 36.

²¹Gardner, E. Clinton. *Fé bíblica e ética social* (São Paulo: Editora ASTE, 1965), p. 19.

O estudo da ética repousa sobre a pressuposição de que o homem é livre e responsável. Pressupõe ainda que as escolhas morais não são simples questões do acaso; não são fortuitas e completamente imprevisíveis.

A ética diz respeito a todas as atividades do homem sujeitas a serem razoavelmente louvadas ou censuradas. Interessa-se pelas formas de comportamento oriundas do hábito, pela ignorância, na medida em que a pessoa é responsável pela sua própria decisão e escolhas extremamente complexas.²²

A ética vai se diferenciar das ciências sociais, bem como das ciências físicas, tanto no que diz respeito ao seu campo específico de investigação como à sua metodologia. As ciências sociais e a ética interessam-se pela análise do comportamento humano, e ambas devem levar em conta o fato de que o homem é livre e sua ação imprevisível, de um modo em que átomos, moléculas e planetas não o são.²³

Apesar de a ética ter semelhanças com as ciências sociais em que tanto uma como a outra destas disciplinas se volta para o comportamento humano, a primeira difere da segunda pelo fato de interessar-se por aspectos diferentes desse comportamento e, também, porque emprega métodos diferentes de análise. A psicologia, por exemplo, é a ciência empírica que lida com fatos observáveis da atividade psicofísica e tenta descobrir as relações de causa e efeito. A ética, por sua vez, é disciplina normativa e preocupa-se primariamente com a questão relacionada com alvos a serem buscados pelas pessoas e quais devem ser suas motivações.²⁴

A definição de ética como o estudo crítico da moralidade indica a possibilidade de ser encarada como ramo da filosofia, cujo propósito é o exame sistemático da vida moral.

A análise da vida moral (por exemplo: liberdade, bem, mal, dever) lança luz sobre questões metafísicas e teológicas; mas, por outro lado, as pressuposições metafísicas e teológicas, feitas pelos moralistas ao examinarem o campo da ética, também influenciam sua compreensão e análise da vida moral.²⁵

O moralista cristão entrega-se ao estudo da ética levando os pressupostos acerca da natureza do homem, do universo e de Deus. Procura entender a vida

²²Ibidem, p. 21.

²³Ibidem, p. 22.

²⁴Ibidem, p. 23.

²⁵Ibidem, p. 27.

moral, a liberdade, a obrigação, o bem, o sentido último da moralidade, em termos desta fé, e as conclusões que ele tira a respeito dos deveres do homem e do verdadeiro bem são determinadas, em grande parte, pelo conteúdo desta fé.²⁶

Quando um moralista cristão se apropria de certas conclusões de sistemas seculares de moralidade, sem revê-las ou transformá-las, o resultado é a tentativa de sintetizar elementos essencialmente incompatíveis. Brunner acertadamente rejeita toda síntese eclética como distorção da ética cristã, mas erra ao supor que este é o único uso que o moralista cristão pode fazer da filosofia moral.²⁷

Agostinho é o representante mais influente do método de relacionar a moralidade cristã com a filosofia moral na História da Igreja. Ele levou em conta, de modo sério, as implicações da fé e do amor cristão na sua relação com as exigências que a vida na sociedade humana impõe; procurou determinar o que o amor cristão exige do homem, em termos da responsabilidade social, extraíndo o pensamento ético, político e científico de sua cultura e transformá-lo pelo amor para o serviço de Deus.²⁸

Portanto, a tarefa do campo da ética cristã é a de examinar a vida moral do homem segundo o ponto de vista da fé cristã. Foi justamente isso que Thomas Jefferson tentou fazer, ao compilar uma coleção de ensinos morais de Jesus, como alguns dos nossos contemporâneos que consideram Jesus apenas como o supremo mestre de moral. Mas, como observa E. F. Scott, em última análise, é impossível separar a ética de Jesus de sua fé religiosa, visto que Jesus não era primariamente um moralista: Jesus foi algo diverso do que legislador ou reformador. Ele trouxe mensagem de Deus e sua ética não tem sentido à parte de sua religião.²⁹ Assim, não se pode compreender o ensino moral do cristianismo mediante a simples reunião dos conselhos éticos de Jesus, encontrados no Sermão do Monte e em outras partes dos Evangelhos, quer sejam esses ensinos interpretados como leis para

²⁶Ibidem, p. 28.

²⁷Ibidem, p. 31.

²⁸Para uma excelente exposição do motivo conversionista em Agostinho, pode se pesquisar em H. Richard Niebuhr, *Christ and culture* (Nova York: Harper & Brothers, 1951), p. 206ss.

²⁹E. F. Scott. *The ethical teaching of Jesus* (Nova York: The Macmillan Company, 1924), p. xii.

serem literalmente cumpridas, quer como princípios para orientação geral.³⁰ Para compreender o ensino ético de Jesus, deve-se procurar entendê-lo no contexto de sua mensagem religiosa.

A ética cristã e os Dez Mandamentos

Quando Jesus expõe o Sermão do Monte, foi enfático ao afirmar que não veio descumprir a Lei, e, sim, cumpri-la. Deste modo, pode-se dizer que a ética cristã tem por base o decálogo, no que concerne ao seu aspecto espiritual e moral. A ética dos Dez Mandamentos dá suporte à ética cristã, de modo marcante e aperfeiçoado por Cristo.³¹

No Sermão do Monte, tendo o decálogo como máxima da Lei, Jesus trouxe uma nova maneira de cumprir a Lei, valorizando o interior, muito mais do que o exterior. Tal entendimento é fundamental para a consistência e solidez da ética cristã.

Outra questão reflexiva é a de que Cristo aprofundou o cumprimento do decálogo, formulando uma obediência mais exigente do decálogo. Ele fundamenta tal obediência numa atitude consciente, que brota do interior do ser, não do cumprimento legalista de atos exteriores.³² Deus prometeu isto a Ezequiel: “E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardais os meus juízos, e os observeis” (Ez 36.26,27).

Enquanto na antiga aliança os atos exteriores falavam mais alto, e eram levados em consideração em termos de julgamento das ações, o Senhor Jesus Cristo procurou mostrar que, para ele e para Deus (o Pai), o mais importante é o que se passa dentro do coração dos homens, no íntimo de seu ser. Os ouvintes de Jesus ficaram admirados e perplexos, diante da doutrina de Jesus sobre o cumprimento dos Dez Mandamentos.³³

³⁰Gardner, E. C. *Fé bíblica e ética social* (São Paulo: Editora Aste, 1965), p. 34.

³¹LIMA, Elinado Renovato de. *Ética cristã, confrontando as questões morais do nosso tempo*. 2. ed. (Rio de Janeiro: CPAD, 2002), p. 32.

³²Ibidem, p. 33.

³³Ibidem, p. 34.

Um exemplo desses ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte, que se pode refletir, diz respeito à ética do amor. A Lei mandava amar o próximo, mas odiar o inimigo (Lv 19.18). No ensinamento de Jesus sobre o amor, diz: “Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo” (Mt 5.43). Jesus apresenta então uma contraposição ao que preceituava a Leis:

Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos (Mt 5.44,45).

Esta visão eleva o sentido do amor, sendo um verdadeiro teste para o cristão em todos os tempos. Os antigos cumpriam os mandamentos e estatutos, em Israel, de modo formal e frio. Alguém deveria ser punido se matasse, mas não havia condenação para quem odiasse. Contudo, Jesus deu aos mandamentos um sentido muito mais elevado, tornando-os instrumentos da justiça e do amor de Deus.³⁴ Um exemplo que pode ser citado aqui é a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). Nela Jesus define o próximo como alguém que tenha necessidade a que eu possa atender e aplica o princípio aos de fora da igreja, assim como aos amigos crentes. Quando um doutor da lei perguntou a Jesus sobre as prioridades éticas e espirituais na vida, ele respondeu que as principais obrigações de uma pessoa eram amar a Deus e amar ao próximo como a si mesmo (Lc 10.25-29).³⁵

Não foi só no ensino de Jesus que a ética passou a ser aplicada a questões internas do coração humano. É verdade que Jesus estendeu sua denúncia do homicídio à área do coração e das motivações ocultas (Mt 5.22), e a do adultério à área do coração onde uma pessoa tem pensamentos adúlteros (Mt 5.28). Mas no décimo mandamento, a proibição da cobiça é a melhor prova de que Jesus não anunciava algo novo quando dirigiu sua denúncia a atitudes interiores, não apenas a atos externos. Considerar as atitudes do coração, não apenas atitudes externas, foi a preocupação tanto da lei de Moisés como de Jesus que se inspirou nela.³⁶

³⁴Ibidem, p. 39.

³⁵ERA, Scott B. Ética cristã. 1. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2013), p. 37.

³⁶Pallister, Alan. Ética crista hoje, vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida (São Paulo, Shedd Publicações, 2005), p. 259-60.

Pode se afirmar que o Novo Testamento foi resumido por Jesus na ordenança por ele dada: “Sede perfeito como vosso Pai Celeste é perfeito”. Tal ordenança nos faz recordar o velho mandamento da Lei: Sede santos, por que eu, Iahweh vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). A santidade exigida deveria ser modelada sobre o fogo purificador de Deus, no qual a presença do mal não pode subsistir.³⁷ Jesus não destruiu este ideal. Ele o completou.

“Sede perfeito como Deus é perfeito” revela uma ordem muito elevada. Jesus é o exemplo a ser seguido já que ele foi perfeito como seu Pai. Este é o desafio desta ordenança. Seguir a Jesus. E seguir a Cristo não é ir à caça de um ideal, mas compartilhar dos resultados de uma realização. Cristo não requer de ninguém que vá onde ele mesmo não tenha ido, ou fazer alguma coisa que ele mesmo não tenha feito.³⁸ Nós nunca estamos num caminho desconhecido. Richard Baxter disse.

Cristo me guia de uma parte à outra; não há lugares escuros.

Pois ele foi, antes de mim, de uma parte à outra

*Ele que veio pelo reino de Deus, deve entrar por esta porta.*³⁹

Portanto, pode-se afirmar que Cristo tem duas mãos onde uma aponta o caminho e a outra para abraçar e ajudar ao longo do caminho. O ideal cristão, então, repousa diante de cada um de nós, não como um distante e austero pico da montanha, mas como uma estrada sobre a qual podemos caminhar com Cristo como guia e amigo.⁴⁰

A ética reformada

Zuínglio não foi um teórico da ética no sentido formal, mas um homem prático que apreciou ações acima de conversas cujos escritos mostraram uma profunda preocupação ética.

Desde Zuínglio, a ética reformada manteve suas ênfases básicas. Rejeitou a visão de que a salvação estava aberta para o pagão apenas na base da lei natural.

³⁷Manson, T. W. Ética e o *evangelho* (São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003), p. 51.

³⁸Ibidem, p. 52.

³⁹Séries de seu Potencal Fragments (1981) que aparece em muitos livros de hinos e em versos começando por: “Senhor, isto não pertence ao meu cuidado”.

⁴⁰Ética e o *evangelho*, p. 59.

A ética da reforma manteve o ensino distintivo da Reforma de que um homem não é capaz de agradar a Deus de qualquer maneira à parte da graça de Deus em Cristo e do poder regenerador do Espírito Santo.

A ética reformada não é pura e simplesmente uma ética da lei. As confissões e teologias reformadas enfatizam aspectos éticos além dos aspectos legais. Ela inclui o aspecto situacional no sentido de que ela vê a tarefa da ética como a de dirigir as circunstâncias presentes para um objetivo futuro e, portanto, como requerendo uma análise da presente “situação”. E ela inclui também o aspecto existencial no sentido que ela vê a fé e o amor como condições necessárias e suficientes para as genuínas boas obras e, portanto, vê a tarefa ética como a de purificação do homem interior para que sua justiça possa ser mais do que apenas externa.⁴¹

A vida cristã como resposta à atividade de Deus⁴²

A ética cristã reconhece o lugar legítimo pretendido pela aspiração ao bem e a lei como guia para descobrir a vontade de Deus, mas seu método se define melhor como resposta do homem à atividade de Deus. É a resposta do homem à vontade e ao propósito de Deus, revelados pelo próprio Deus, pela história, pela Escritura, pela presente agitação social e pela experiência da comunidade cristã, tudo isso focalizado sobre a decisão ética concreta.⁴³

Gardner apresenta de forma detalhada a resposta que o homem deve dar a cada forma de ação divina sobre ele, o homem.

Em primeiro lugar, ele descreve sobre a resposta a Deus como Criador. A ação de Deus como Criador impõe ao homem uma resposta de gratidão e amor. Gratidão a ele e um amor reverente para com a criação. Como disse Gardner, em todos os aspectos de nossa conduta defrontamo-nos com Aquele que nos deu existência em determinado momento e sob certas circunstâncias especiais.⁴⁴ Essa existência tem sentido somente em relação à vontade soberana de Deus e dos seus propósitos e o segmento da história em que se está colocado, adquirindo sentido nesse relacionamento.

⁴¹Henry, Carl. Dicionário de ética cristã (São Paulo: Cultura Cristã, 2007), p. 279-80.

⁴²Gardner, E. C. *Fé bíblica e ética social* (São Paulo: Editora ASTE, 1965), p. 196.

⁴³Ibidem, p. 196.

⁴⁴Ibidem, p. 199.

A resposta então do homem, que pela fé sabe e crê que Deus é o Criador de tudo, é de louvor e de gratidão pela sua própria vida, pelas boas dádivas que lhe concede e pelo conhecimento de que em todas as coisas Deus age para o seu bem.

Gardner finaliza esta primeira resposta dizendo que a básica resposta à ação de Deus como Criador é a de aceitar e afirmar aquilo que Ele criou.⁴⁵

A segunda resposta apresentada por Gardner é sobre Deus como juiz. A resposta que se impõe aqui ao homem quanto a esta forma de ação de Deus é a de arrependimento e negação própria.

Em decorrência do caráter grave que a Bíblia atribui ao pecado, há uma urgência em que o homem responda a ação divina com arrependimento. Aqui o homem está sendo convidado a uma mudança de direção, o fazer meio volta e “voltar-se para o Senhor”. É a aceitação do julgamento divino sobre nós mesmos e a cooperação com o desígnio de Deus para que o “EU” seja conservado sob domínio, a fim de que a vontade de Deus para toda a comunidade não sofra derrota.⁴⁶

A terceira resposta apresenta por Gardner é a de Deus como redentor. Aqui o homem é convidado a dar uma resposta em atitude de perdão e liberdade. Desde que Deus aceita o homem como pecador e livremente o perdoa, este deve aceitar o perdão divino como uma dádiva de Deus.

Este perdão divino somente pode ser aceito com humildade e arrependimento. O homem deve estar pronto a reconhecer que é ele quem está errado diante de Deus e que nada ao seu alcance é capaz de isentá-lo de culpa.⁴⁷ A sua relação certa para com Deus deverá ser a de confiança e de resposta, de dependência da vontade soberana de Deus. Se o desejo de aceitar o perdão divino for genuíno, deve manifestar-se no oferecimento de perdão ao próximo. De outra forma, a disposição de aceitar o perdão divino refletirá, apenas, certo desejo egoísta, não a prontidão em submeter-se à vontade total de Deus⁴⁸.

Gardner apresenta nesta resposta uma reflexão muito importante. O cristão, diz ele, não foi chamado apenas para perdoar e para agir, de modo livre, para com

⁴⁵Ibidem, p. 202.

⁴⁶Ibidem, p. 204.

⁴⁷Ibidem, p. 207.

⁴⁸Ibidem, p. 207.

os irmãos na fé, mas também para imitar o amor de Deus para com os que ainda não são reconhecidos como filhos de Deus.⁴⁹

Finalmente, pode-se afirmar que quando o homem percebe claramente a natureza da vontade divina, este vê que o propósito do Redentor inclui o do Criador e do Juiz. Deste modo, a resposta ao Redentor, inclui a resposta ao Criador, sendo que aquela representa o cumprimento desta. Mas ainda, a resposta ao Redentor deve ser dada, também, à luz dos apelos do Juiz. De outra forma, o amor cristão facilmente se degenera em sentimentalismo e negligencia a necessidade ao próximo de restrição e disciplina.⁵⁰

Conclusão

A ética cristã se baseia no fato de haver Deus tomado a iniciativa de revelar seu amor ao homem. Este amor de Deus pelo homem é livre, espontâneo e não merecido; mas como Senhor soberano, Deus exige o homem para si mesmo, para uma vida de amor. Deus exige a resposta do “eu total”: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Mc 12.30). Por esta razão, no próprio ato pelo qual Deus revela seu amor ao homem, ele o desafia com um segundo mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12.31). Assim, pode se afirmar que o homem jamais poderá amar o seu próximo de maneira cristã a não ser que ame a Deus com todo o coração, alma, mente e força; pois, à parte da confiança em Deus e lealdade final a ele, o amor do homem e seus semelhantes ou é egoísta ou idólatra, ou as duas coisas.⁵¹

A fé cristã declara, então, que todos os homens são de igual valor para Deus e que todos partilham igualmente de seu amor; consequentemente, o cristão tem de imitar a universalidade bem como a espontaneidade e o altruísmo do amor divino.⁵²

⁴⁹Ibidem, p. 209.

⁵⁰Ibidem, p. 211.

⁵¹Ibidem, p. 213.

⁵²Cf. A parábola do Bom Samaritano (Lc 10.29-37) e a exigência de Jesus de que seus seguidores amem seus inimigos (Mt 5.44), bem como seu próprio exemplo ao buscar a “ovelha perdida”, dos “publicanos” e os “pecadores” para que lhe pudesse ministrar de modo especial, em vista de suas necessidades especiais.

Como qualquer mãe, quando Karen soube que um bebê estava a caminho, fez todo o possível para ajudar o seu outro filho, Michael, com três anos de idade, a se preparar para a chegada.

Os exames mostraram que era uma menina, e todos os dias Michael cantava perto da barriga de sua mãe. Ele já amava sua irmãzinha mesma antes de ela nascer.

A gravidez se desenvolveu normalmente, entretanto surgiram algumas complicações no trabalho de parto e a menina foi levada para a UTI neonatal do Hospital Saint Mary. Os dias passaram e a menina piorava. O médico disse aos pais que deveriam preparar-se para o pior, pois as chances dela eram muito pequenas. Enquanto isso, Michael, todos os dias, pedia aos pais que o levassem para conhecer a irmãzinha. A segunda semana na UTI entrou e esperava-se que o bebê não sobrevivesse até o final dela. Karen então decidiu que levaria Michael ao hospital de qualquer jeito. A enfermeira não permitiu que ele entrasse e exigiu que a mãe o retirasse dali. Mas Karen insistiu: “Ele não irá embora até que veja a irmãzinha”.

Finalmente Michael foi levado até a incubadora. Depois de alguns segundos olhando, ele começou a cantar, com sua voz pequenina, a mesma canção que cantava para ela ainda na barriga da mamãe.

Nesse momento o bebê pareceu reagir. A pulsação começou a abaixar e se estabilizou. Karen encorajou Michael a continuar cantando. Enquanto Michael cantava, a respiração difícil do bebê foi se tornando suave. Todos se emocionaram e alguns chegaram até a chorar.

No dia seguinte, a irmãzinha de Michael já tinha se recuperado e em poucos dias foi para casa.

A Woman's Day Magazine chamou esta história de “história da canção de um irmão”. Karen chamou de “O milagre do amor de Deus”.

Referências bibliográficas

- GARDNER, E. Clinton. *Fé bíblica e ética social* (São Paulo: Editora ASTE, 1965).
- GEISLER, Norma L. *Ética cristã, opções e questões contemporâneas*. 2. ed. (São Paulo: Vida Nova, 2010).
- HENRY, Carl. *Dicionário de ética cristã*. 1. ed. (São Paulo: Cultura Cristã, 2007). p. 608.
- LIMA, Elinaldo R. de. *Ética cristã, confrontando as questões morais do nosso tempo*. 2. ed. (Rio de Janeiro: CPAD, 2002). p. 256.

- LOPEZ, Azpitarde E. *Práxis cristã, opção pela vida e pelo amor* (São Paulo: Edições Paulinas, 1984). p. 496.
- MATERA, Frank J. *Ética do Novo Testamento, os legados de Jesus e de Paulo* (São Paulo: Editora Paulus. 1999). p. 379.
- RUDNICK, Milton L. *Ética cristã para hoje, uma perspectiva evangélica* (Rio de Janeiro: Editora JUERP, 1988). p. 136.
- PALLISTER, Alan. *Ética cristã hoje, vivendo um cristianismo coerente em uma sociedade em mudança rápida*. 1. ed. (São Paulo: Shedd Publicações, 2005). p. 279.



Manoel Pedro da Silva

Sobre o autor

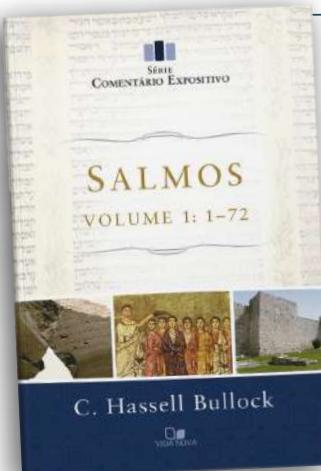
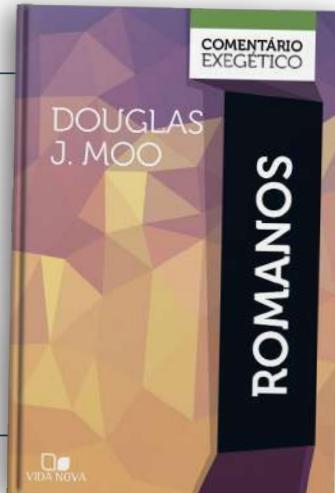
É Mestre em Teologia (FABAPAR), Pós-graduado em Aconselhamento (Seminário Southeastern de Carolina do Norte EUA) e Bacharel em Teologia (FTBSP e Unicesumar). Professor (STBC) em: Aconselhamento; Ética Cristã; Homilética; Teologia Sistemática.

Lançamentos

Romanos: comentário exegético

Douglas J. Moo | 16x23 cm | 1392 p.

Durante mais de vinte anos o comentário de Romanos de Douglas Moo tem proporcionado a pastores, seminaristas e estudiosos uma visão detalhada da mais famosa carta de Paulo. Nessa revisão ampla e geral de seu comentário, Moo trata de questões que foram trazidas à proeminência desde a primeira edição. Ele incorporou as mais recentes pesquisas e reescreveu o texto por inteiro para melhorar e facilitar a compreensão.



Salmos - Vol. 1: 1-72 - Série comentário expositivo

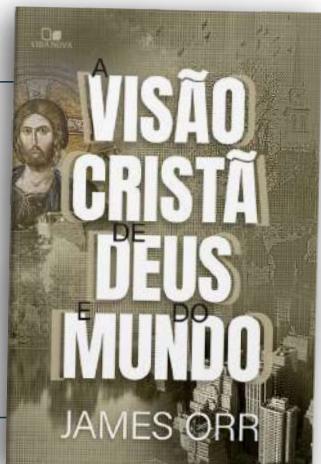
C. Hassell Bullock | 17x23 cm | 608 p.

Ao longo dos séculos, Salmos tem ocupado um lugar de grande apreço no judaísmo e no cristianismo, bem como na vida dos crentes de forma individual. Os salmos expressam de modo profundo os pensamentos e as emoções da alma, desde as experiências mais sublimes de alegria e louvor até os vales mais profundos do lamento. C. Hassell Bullock foi intensamente influenciado pelos Salmos, e esse comentário nasceu de uma vida inteira de estudo realizado com amor — como cristão, professor e pastor. Bullock traz essas três perspectivas, conduzindo o leitor de forma habilidosa em cada salmo ao dar atenção especial ao gênero, à estrutura, à teologia e à aplicação prática.

A visão cristã de Deus e do Mundo

James Orr | 16x23 cm | 576 p.

Nessa magnífica obra, o teólogo escocês James Orr apresenta uma extensa descrição e defesa da visão teísta centrada na encarnação de Jesus Cristo. Orr aborda temas como o conceito de Weltanschauung, visões alternativas ao cristianismo, ceticismo, agnosticismo, ateísmo, evidências favoráveis à visão cristã, ser humano como imagem de Deus, imortalidade, problema do mal, encarnação de Cristo e sua divindade etc.



Teologia em três dimensões
Um guia para o triperspectivismo

John M. Frame | 14x21 cm | 144 p.

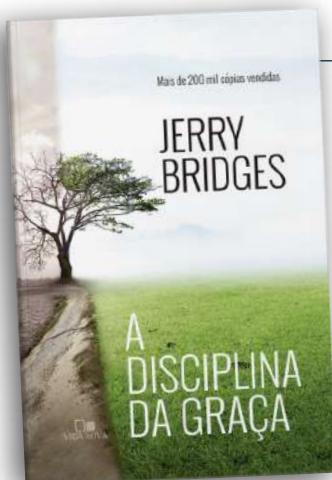
John Frame nos oferece uma introdução clara e acessível do estudo “triperspectivista” em que temas da teologia são considerados de modo proveitoso a partir de várias perspectivas sem prejudicar sua unidade e veracidade.

JOHN M. FRAME

**TEOLOGIA
EM TRÊS
DIMENSÕES**

Um guia para o triperspectivismo

VIDA NOVA



A disciplina da graça

Jerry Bridges | 14x21 cm | 368 p.

Você nunca está além do alcance e da necessidade da graça de Deus. Sem a graça nunca chegaríamos a Cristo. Mas ser um cristão é mais do que vir a Cristo. É também crescer e se tornar semelhante a Jesus. A busca da santidade é um trabalho árduo, e quando entramos nessa disciplina, às vezes perdemos de vista a graça. Jerry Bridges nos ajuda a evitar essa distração, apresentando uma explicação clara e abrangente do evangelho e do que ele significa para os cristãos.

O comentário de Jeremias

J. A. Thompson | 16x23 cm | 736 p.

A esperança e oração é que os leitores desse volume consigam vivenciar um pouco as experiências dessa figura solitária do final do século VII e início do VI a.C. e apreender algo da profunda relevância de seu chamado para seu próprio povo para que fossem verdadeiros com sua aliança com o Senhor e vivessem em conformidade com essa aliança.

